

The background of the cover is a vibrant, hand-drawn illustration. It depicts a winding river in shades of blue and green, flowing from the top right towards the bottom. The river is bordered by lush green hills and valleys. In the upper left, there are dark, jagged mountains. Scattered throughout the landscape are various types of trees, including palm trees and broad-leafed trees. Two small houses with red roofs are nestled in the greenery. In the lower right, a cluster of larger, more complex buildings with red roofs sits on a grassy bank. The bottom of the image shows a rocky, brownish terrain. The overall style is that of a children's book illustration, with bold outlines and a rich color palette.

OS CAMINHOS DAS ÁGUAS E OS POVOS ORIGINÁRIOS

O
surgimento
da água,
dos rios e
dos igarapés
a partir das
histórias
indígenas

NARRADORES

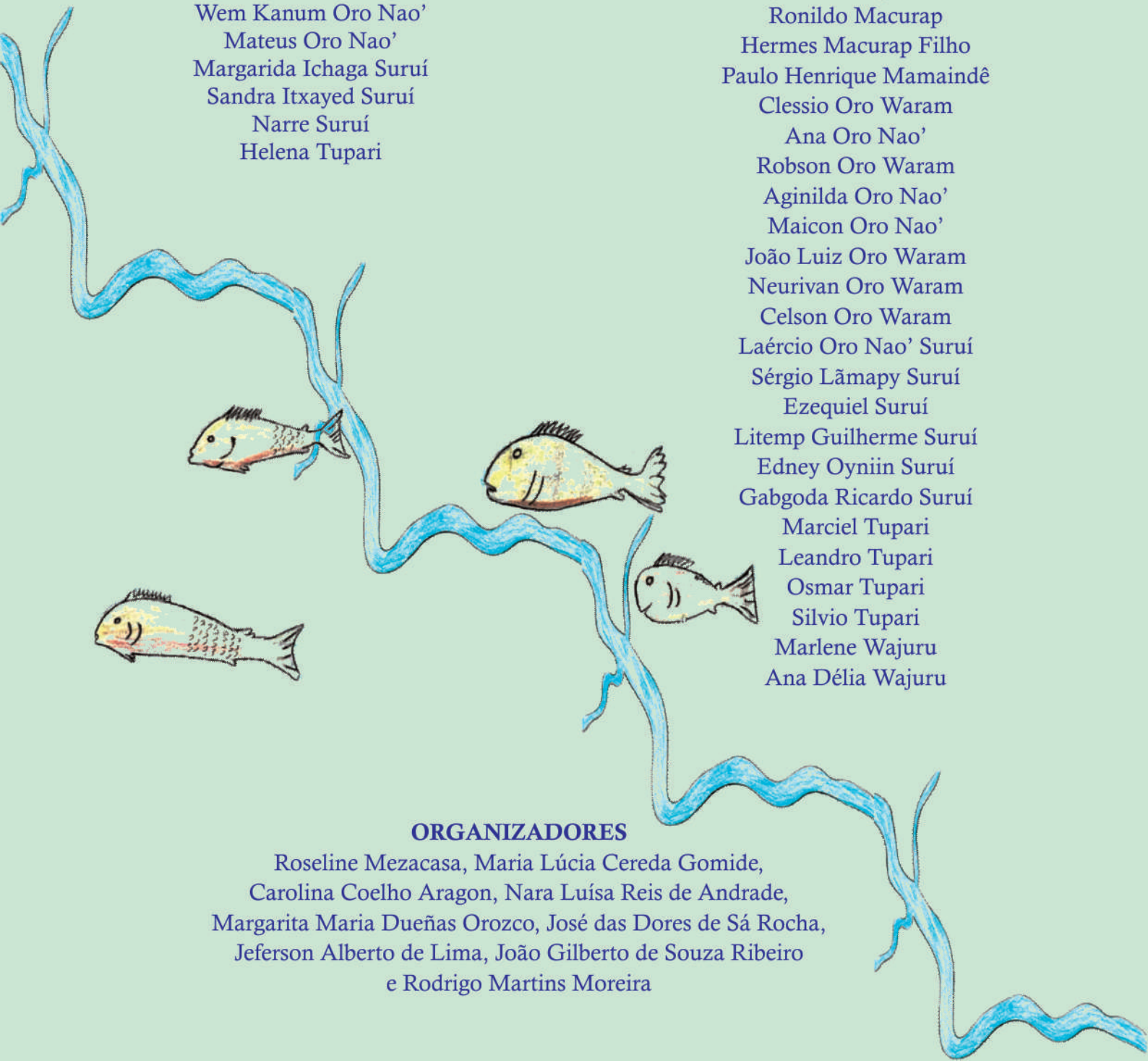
Luíz Aikanã
Tari Amondawa
Tambura Amondawa
Alonso Jaboti
Celso Zaryp Zoró
Nelson Padórah Gavião
Katica Karipuna
Marizina César Kaxarari
Rosana Macurap
Hermes Macurap
Margarida Macurap
Abrão Oro Nao'
Pakao' Oro Nao'
Wem Kanum Oro Nao'
Mateus Oro Nao'
Margarida Ichaga Suruí
Sandra Itxayed Suruí
Narre Suruí
Helena Tupari

AUTORES

Tânia Maria da Silva Aikanã
Makana Amondawa
Bismarque Cujubim
Valdecir Gavião
Valdir Gavião
Valcemir Zoró
Samuel Karitiana
Breno Macurape Karitiana
Isaías Karitiana
Rozimar Mucuá
Gean César de Souza Kaxarari
Klinger Macurap Oro Nao'
Ronildo Macurap
Hermes Macurap Filho
Paulo Henrique Mamaindê
Clessio Oro Waram
Ana Oro Nao'
Robson Oro Waram
Aginilda Oro Nao'
Maicon Oro Nao'
João Luiz Oro Waram
Neurivan Oro Waram
Celson Oro Waram
Laércio Oro Nao' Suruí
Sérgio Lămapy Suruí
Ezequiel Suruí
Litemp Guilherme Suruí
Edney Oyniin Suruí
Gabgoda Ricardo Suruí
Marciel Tupari
Leandro Tupari
Osmar Tupari
Silvio Tupari
Marlene Wajuru
Ana Délia Wajuru

ORGANIZADORES

Roseline Mezacasa, Maria Lúcia Cereda Gomide,
Carolina Coelho Aragon, Nara Luísa Reis de Andrade,
Margarita Maria Dueñas Orozco, José das Dores de Sá Rocha,
Jeferson Alberto de Lima, João Gilberto de Souza Ribeiro
e Rodrigo Martins Moreira



Roseline Mezacasa, Maria Lúcia Cereda Gomide,
Carolina Coelho Aragon, Nara Luísa Reis de Andrade,
Margarita Maria Dueñas Orozco, José das Dores de Sá Rocha,
Jeferson Alberto de Lima, João Gilberto de Souza Ribeiro
e Rodrigo Martins Moreira

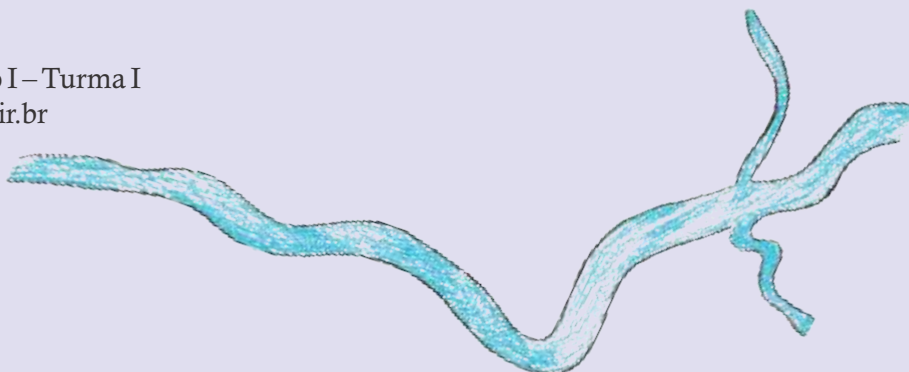
Organizadores

OS CAMINHOS DAS ÁGUAS E OS POVOS ORIGINÁRIOS

O surgimento da água, dos rios e dos
igarapés a partir das histórias indígenas



© Autores indígenas – 2026
Produção de Material Didático I – Turma I
E-mail: roselinemezacasa@unir.br



Editoração: Oikos

Capa: Oikos

Imagem da capa: Marciel Tupari

Revisão (português): Erny Mügge

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Allprint

Autoria das narrativas: Luíz Aikanã, Tari Amondawa, Tambura Amondawa, Alonso Jaboti, Celso Zaryp Zoró, Nelson Padórah Gavião, Katica Karipuna, Marizina César Kaxarari, Rosana Macurap, Hermes Macurap, Margarida Macurap, Abrão Oro Nao', Pakao' Oro Nao', Wem Kanum Oro Nao', Mateus Oro Nao', Margarida Ichaga Suruí, Sandra Itxayed Suruí, Narre Suruí e Helena Tupari.

Autores: Tânia Maria da Silva Aikanã, Makana Amondawa, Bismarque Cujubim, Valdecir Gavião, Valdir Gavião, Valcemir Zoró, Samuel Karitiana, Breno Macurape Karitiana, Isaías Karitiana, Rozimar Mucuá, Gean César de Souza Kaxarari, Klinger Macurap Oro Nao, Ronildo Macurap, Hermes Macurap Filho, Paulo Henrique Mamaindê, Clessio Oro Waram, Ana Oro Nao', Robson Oro Waram, Aginilda Oro Nao', Maicon Oro Nao', João Luiz Oro Waram, Neurivan Oro Waram, Celson Oro Waram, Laércio Oro Nao' Suruí, Sérgio Lãmapy Suruí, Ezequiel Suruí, Litemp Guilherme Suruí, Edney Oyniin Suruí, Gabgoda Ricardo Suruí, Marciel Tupari, Leandro Tupari, Osmar Tupari, Sílvio Tupari, Marlene Wajuru e Ana Délia Wajuru.

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 9 81149642
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br



C183 Os caminhos das águas e os povos originários: o surgimento da água, dos rios e dos igarapés a partir das histórias indígenas. / Organizadores: Roseline Mezacasa *et al.* – São Leopoldo: Oikos, 2026.

64 p.; il.; color.; 21 x 28cm.

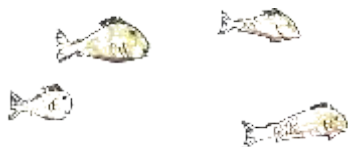
ISBN 978-65-5974-364-3

1. Epistemologias indígenas. 2. Povos originários – Recurso hídrico. 3. Povos originários – Água. I. Mezacasa, Roseline. II. Gomide, Maria Lúcia Cereda. III. Aragon, Carolina Coelho. IV. Andrade, Nara Luísa Reis de. V. Orozco, Margarita Maria Dueñas. VI. Rocha, José das Dores de Sá. VII. Lima, Jeferson Alberto de. VIII. Ribeiro, João Gilberto de Souza. IX. Moreira, Rodrigo Martins.

CDU 39(=1.81-82)

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184





SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	4
O SURGIMENTO DA ÁGUA, DOS RIOS E DOS IGARAPÉS A PARTIR DAS HISTÓRIAS INDÍGENAS	6
Povo Aikanã	6
Povo Amondawa	9
Povo Djeoromitxi	12
Povo Ikólóéhj-Gavião e Zoró	16
Povo Karipuna	19
Povo Karitiana	21
Povo Kaxarari	24
Povo Makurap	26
Povo Mamaindê	31
Povo Oro Wari	34
Povo Paiter-Suruí	39
Povo Tupari	42
Povo Wajuru	46
CICLO DA ÁGUA NA AMAZÔNIA	49
BACIAS HIDROGRÁFICAS	54
COMITÊ DE BACIA HIDROGRÁFICA	58
PARA SABER MAIS	62
DAS TERRAS INDÍGENAS PARA O MUNDO: REFLEXÕES SOBRE AS ÁGUAS	62
LEITURAS REALIZADAS PARA CONSTRUIR ESTE MATERIAL	63
ESPAÇO DE ESCUTA PARA PROFESSORES E PROFESSORAS INDÍGENAS	64



APRESENTAÇÃO

O livro *Os caminhos das águas e os povos originários: o surgimento da água, dos rios e dos igarapés a partir das histórias indígenas* é fruto de uma construção coletiva, colaborativa e interdisciplinar entre acadêmicos e acadêmicas do Curso de Educação Básica Intercultural Indígena da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O livro também compõe uma rede de instituições parceiras dos povos indígenas, envolvendo a Universidade Federal de Rondônia, por meio do curso de Educação Básica Intercultural e do curso de Engenharia Ambiental, bem como a Universidade Federal da Paraíba, por meio do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL/CCHLA). A obra também conta com o apoio do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia para sua publicação.

Em 2023 e 2024, os rios da Amazônia sofreram alguns dos maiores impactos já registrados nas últimas décadas: leitos secos, barcos encalhados, comunidades isoladas pela impossibilidade de deslocamento, uma vez que, para muitos povos, o rio é o principal, ou até mesmo, o único caminho; falta de água potável, escassez de alimentos. No cenário brasileiro de intensos impactos ambientais e mudanças climáticas que afetam a água, fonte inestimável para a sobrevivência de todos os seres, uma pergunta passou a ecoar em eventos, rodas de conversa e encontros com os povos indígenas em Rondônia: como, a partir das epistemologias indígenas, é explicado o surgimento das águas e, consequentemente, dos igarapés e rios? Essa pergunta descortinou caminhos metodológicos para a construção deste material que aqui apresentamos ao grande público. Ela guiou curiosidades e revelou cosmovisões profundas, as quais sustentam a relação ancestral e territorial dos povos indígenas da Amazônia com esse bem tão essencial à vida.

A elaboração do livro foi uma experiência de empenho e de envolvimento coletivo, de autores indígenas, narradores e organizadores. Os/as estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena (DEINTER-UNIR) voltaram-se para seus anciãos e anciãs, pais, mães e parentes, buscando compreender as questões que nos orientavam. Alguns já conheciam as histórias, outros se surpreenderam com a pergunta e, ainda mais, com as respostas que encontraram ao longo das conversas nas aldeias e na Universidade. As histórias sobre o surgimento das águas, dos rios e dos igarapés envolvem diversos animais, como o tatu-canastra, que cava a terra até encontrar a água, segundo a narrativa Paiter-Suruí. Para os Mamaindê, a história traz a presença da anta, cuja lama encontrada em seu corpo representa um indicativo de seu conhecimento sobre a água. Além dos animais, as plantas também fazem parte dessas narrativas, como na tradição Karitiana, que relaciona o ouriço da castanha ao lugar da água. As narrati-



vas também envolvem explicações da composição das paisagens e das bacias hidrográficas, tão interessantes, tal como a história Makurap que narra a configuração dos rios da região como o resultado de uma trama entre irmãos: Nambo, que queria rios retos, e Mbeyu, que traçou caminhos tortuosos e cheios de curvas na terra. Assim, surgiram os rios, como o rio Branco, criado por Mbeyu, e o rio Guaporé, formado pela força de Nambo. Essa narrativa ancestral explica as características geográficas dos rios, revelando uma visão em que os elementos que compõem o mundo da existência material também podem ser expressões das relações e das tensões entre agências humanas, de animais, de plantas e de não humanos.

Essas relações multiespécies revelam que, para os povos indígenas, o território e seus elementos não são compreendidos de forma isolada, mas sim a partir de uma perspectiva de agências interligadas, que se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Essas epistemologias indígenas se contrapõem ao pensamento cartesiano, que fragmentou e separou a realidade em partes desconectadas.

As histórias aqui registradas representam o esforço dos povos em colocar no papel as narrativas orais. Contudo, esse trabalho é muito desafiador e é importante destacar que o que registramos na obra são trechos, partes de narrativas complexas e permeadas por múltiplas vocalidades entre os povos que, há tempos, vêm narrando suas histórias. Assim, este livro não se encerra em si; ao contrário, almeja ser um impulso para despertar a curiosidade sobre as Histórias Indígenas e as águas. Esperamos que este material represente apenas o início das nossas curiosidades sobre o tema, pois sabemos que todos os dias é tempo de aprender e de reaprender, de construir e desconstruir narrativas e histórias que nos instiguem a fazer perguntas em contextos contemporâneos.

Nesses múltiplos caminhos, este livro se concretizou. Ele é, sem dúvida, um material inovador para compreender e fortalecer as epistemologias indígenas dos povos que habitam as terras amazônicas há mais de dez mil anos e suas explicações para o surgimento das águas, rios e igarapés são um horizonte para o entendimento sobre as florestas e o clima. Ao mesmo tempo, é uma ponte para que não indígenas aprendam com esses ensinamentos e, quem sabe, reinventem suas formas de se relacionar com o ambiente que nos envolve e sustenta. Esperamos que ele seja subsídio para a abordagem dessa temática nas escolas indígenas e não indígenas, pois nada melhor do que aprender com os grandes protagonistas dessas histórias: os povos indígenas, através de seus narradores e autores. Que esta seja uma leitura prazerosa, repleta de aprendizados, e que inspire ações práticas e transformadoras, pois é disso que o nosso mundo/ambiente/tempo precisa e, como nos ensinam os povos indígenas e Ailton Krenak, “vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam” (Krenak, 2022, p. 27).

Organizadores



O surgimento da água, dos rios e dos igarapés a partir das histórias indígenas

Povo Aikanã

Luíz Aikanã | Tânia Maria da Silva Aikanã

Contam os nossos antigos que no passado tinha um ser que morava na nascente do rio; eles acreditam que seja algo mau. Certo dia, os homens do povo Aikanã foram caçar para ter caça, para a festa da menina moça, e quando eles foram para o mato caçar, na beira do rio Arixinã, quando anoiteceu, esse ser do mal atacou e matou eles, depois os jogou dentro do rio Arixinã, aí o rio ficou vermelho.

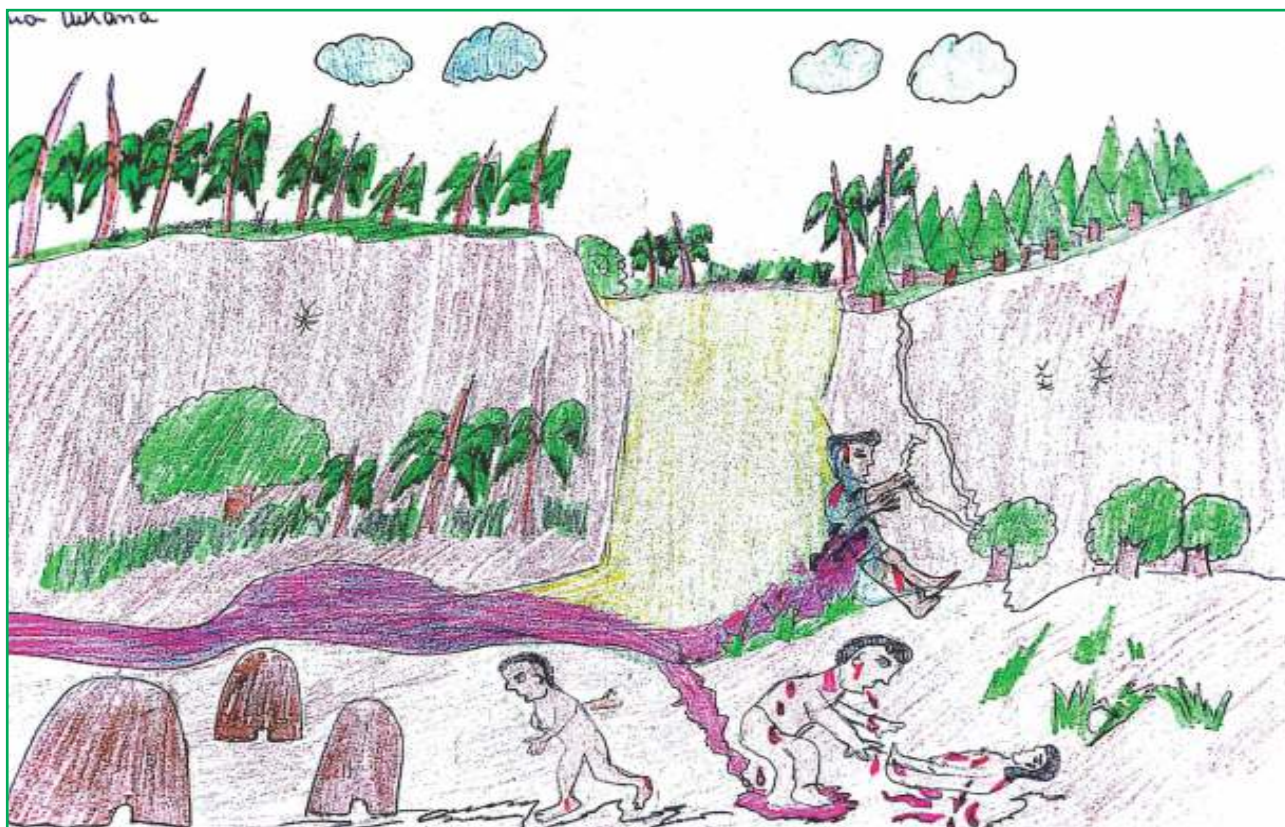


Ilustração: Tânia Maria da Silva Aikanã.

Então, os parentes não podiam beber a água e nem tomar banho, porque se bebessem a água ou tomassem banho, dava dor de barriga e a pessoa morria. Um dos homens caçadores conseguiu escapar, voltou para a aldeia e contou para o povo Aikanã o que tinha acontecido.



Certo dia, o pajé foi esperar a caça na nascente do rio Arixinĩ; lá ele fez uma malokuinha para esperar a caça. Quando era noite, a pessoa do mal foi para atacar ele, mas o pajé virou uma borboleta e foi embora para a aldeia. Na aldeia, o pajé contou a história para o povo, falou que a cachoeira que tem na nascente do rio é muito perigosa, e tem uma pessoa do mal que mora lá. Então, juntaram três pajés e foram até a nascente fazer pajelança.

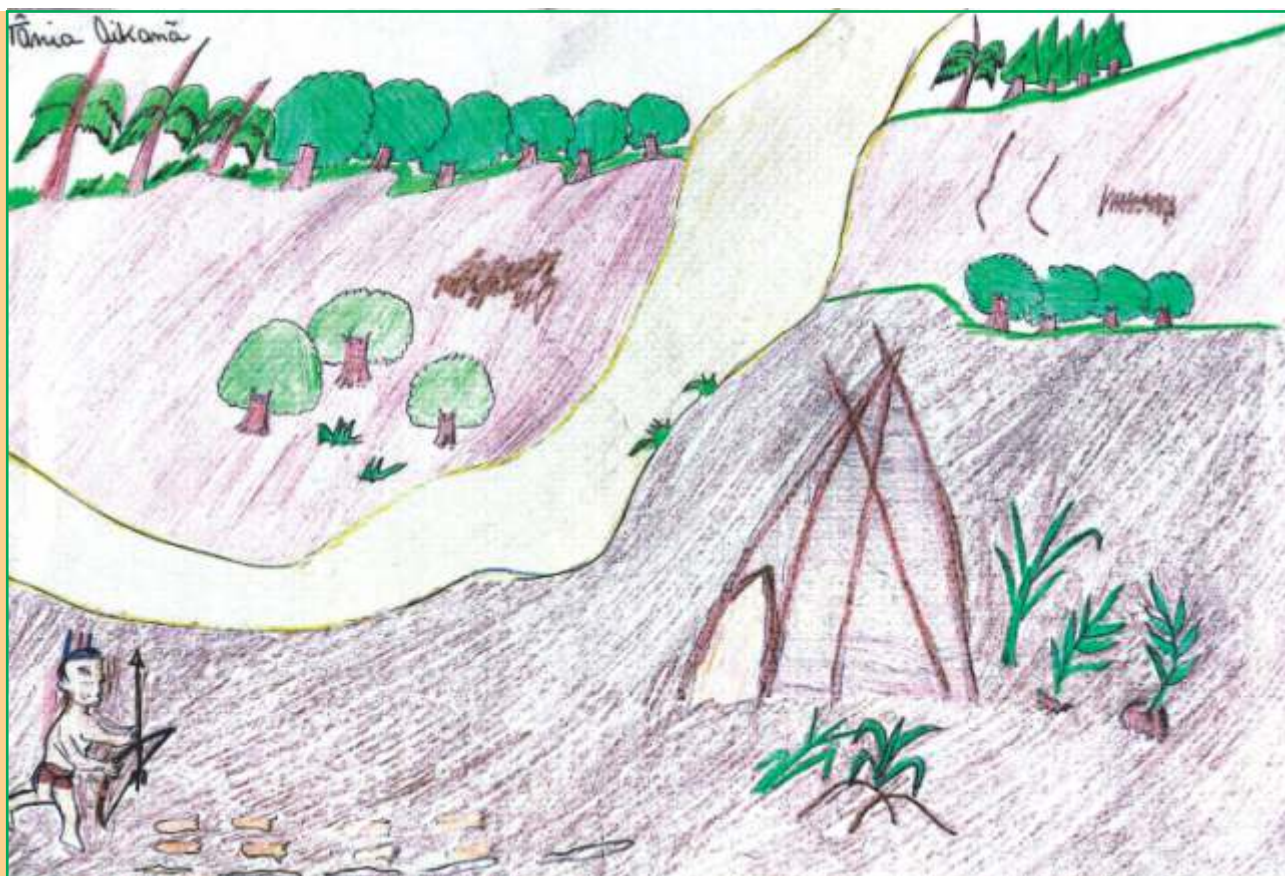


Ilustração: Tânia Maria da Silva Aikanã.

Eles fizeram a pajelança e o ser do mal morreu, e então o rio voltou a ser claro, e não tinha mais doenças. No entanto, quando chove muito, o rio enche e fica vermelho, mas hoje em dia não tem mais perigo. Quando o rio fica vermelho lembramos dessa história antiga do nosso povo.

O rio Chupinguaia, Arixinĩ, nasce dentro da Terra Indígena Tubarão Latundê e deságua no rio Pimenta. Rio Chupinguaia, na língua materna do povo Aikanã chama rio Arixinĩ. Contam os mais velhos que o nome Chupinguaia tem uma história. Quando vieram os garimpeiros subindo pelo rio, fazendo derrubada para garimpar, um dos garimpeiros acabou morrendo de doença e foi enterrado na beira do rio; ele tinha o nome de Chupiguá; eles não sabiam falar Chupiguá, falaram Chupinguaia. Por isso, o nome do rio para os não indígenas é Chupinguaia, mas para o povo Aikanã o rio se chama Arixinĩ. Arixinĩ é o nome do ser que morava na nascente do rio.



Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Marque com um X a alternativa correta. Apenas uma alternativa está correta:

Qual é o nome do rio que passa atrás da comunidade Tubarão?

- ☐ A) APEYA
- ☐ B) TXIMUNU
- ☐ C) ARIXINĨ
- ☐ D) URE

2) Qual é o maior rio que passa na Terra Indígena Tubarão Latundê?

- ☐ A) KAPASURA
- ☐ B) APEYA
- ☐ C) URE
- ☐ D) TXIMUNU

3) Responda às perguntas abaixo:

A) Quais são os três principais rios que você conhece dentro da Terra Indígena Tubarão Latundê?

B) Qual é o nome do rio em que sua comunidade toma banho, lava roupa, lava louça?

C) Conte uma história sobre um rio narrado por um sabedor ou uma sabedora. Caso não saiba responder, converse com algum sabedor ou sabedora da comunidade.



Povo Amondawa

Tari Amondawa | Tambura Amondawa | Makana Amondawa

Antes do contato, há muitos anos, o povo indígena Amondawa não vivia onde nascem as nascentes da água (*kuawapyrakawape*). O lugar mais frequentado era o *emby'a*, que significa “lá para baixo do rio”.

Eles, os antigos, falavam que a partir das nascentes eles avistavam todos os rios e os igarapés que vinham de vários lugares. *Embyawa*, significa águas em conjunto, que se encontram. Contam os anciãos e as anciãs que os não indígenas ficavam perambulando na beira dos rios; os Amondawa viviam nas margens dos rios.



Ilustração: Makana Amondawa.



Ilustração: Makana Amondawa.





Ilustração: Makana Amondawa.

Então, os brancos começaram a sentir a presença dos Amondawa. Esses não indígenas estavam procurando terra, mas eles não gostaram da terra da região e então foram para outro lugar procurar. E, então, os Amondawa voltaram para a beira do rio.

Para o povo indígena Amondawa existia um *Awaipawa* (pessoas que já existiam, mas hoje não existem mais), chamado *Mbaira*. Na cultura da comunidade, consideramos ele um Deus; ele era o criador de todas as coisas, como: céu, árvores, água, rios, igarapés e, após criar tudo isso, ele criou a noite e o dia. Feito isso, criou os bichos que andam na floresta, tanto no escuro quanto durante o dia, como: cobra, escorpião e aranha. *Mbaira* decidiu criar esses bichos bravos porque os não indígenas estavam adentrando a floresta. Ele fez todas as criações para as pessoas cuidarem e não destruírem; assim, foi com a chuva que naquela época tinha o tempo certo. Os antigos sabiam quando ia chover e já iniciavam o preparo da roça. E, então, *Mbaira* passou a criar o milho, a batata e a mandioca. *Mbaira* nos ofereceu essa criação para que os Amondawa cuidassem e produzissem mais alimentos.

O povo Amondawa chegou a olhar *Mbaira* a aproximadamente cem metros de altura do solo; ele vinha descendo, foi uma coisa inesquecível e marcante. Nesse momento, alguns parentes Amondawa estavam com o pajé, que era bem forte e, então, *Mbaira* levou eles para *ywaka* (céu). Neste momento, ele subiu todas as árvores, alguns parentes e o pajé forte, até alcançar o *ywaka*.





Ilustração: Makana Amondawa.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

- 1) Faça uma pesquisa com os anciãos e as anciãs do povo Amondawa para saber se existem igarapés e rios sagrados para o povo no território. Depois da pesquisa, registre as respostas.

- 2) Descubra na língua materna quais os nomes dos igarapés mais importantes do território e as histórias que explicam esses nomes.

- 3) Pesquise o nome dos rios Cautário e Urupá na língua materna e conte o que você aprendeu da história.



Povo Djeoromitxi

Alonso Jaboti | Bismarque Cujubim

Não existia água no mundo, só havia terra. Kawewé e Karupshi é que acharam água, tiveram que derrubar uma pedra, um toco de pedra. Kawewé e Karupshi tinham sede. Kawewé mandou Karupshi procurar Kuraheri nōti, o inhambu preto, nosso avô; este era o dono da água.



Ilustração: Bismarque Cujubim.

O nambu preto (pássaro) nem queria mostrar a água. Acabou dando uma capembinha de água para os dois. Era água boa e eles queriam mais. Kawewé mandou Karupshi buscar. Karupshi virou mutuca, voou para onde o nambu escondia a água.

A água vinha de um pau, saía como cachoeira; o nambu preto bebia, tomava banho e tampava ligeiro com pedra para ninguém ver. Só se via a pedra e, quando tampava, a água secava.

– Nosso avô está negando água!

Kawewé e Karupshi pegaram um bicho-preguiça para pôr deitado no lugar deles na rede, para o nambu preto, Kuraheri nōti, não perceber que tinham saído.

– Meu neto, está aqui a água! Procurei tanto, só achei esse pouquinho! Amanhã a gente vai beber!





Ilustração: Bismarque Cujubim.

Era mentira. O nambu preto enganava o pessoal, não havia nem mesmo um caminho para ir até a água; era um lugar escondido, era um campo limpo, só havia areia na beira, não dava para enxergar. Kawewé e Karupshi encontraram, afastaram a pedra, fecharam outra vez. Fizeram marcas que tinham passado por ali.



Ilustração: Bismarque Cujubim.



– Vamos apagar o caminho que fizemos até o toco de pedra, senão vovô vai nos encontrar. Kawewé perguntou para Karupshi:

– Você não quebrou alguma coisa por lá, né? Karupshi enganou Kawewé, mentindo. Enquanto isso, Karupshi ia até a água escondido, abria mais um pouco a tampa, voltava e abria. Karupshi tirou a pedra de uma vez, que então carregou ele e virou um caranguejo. Contam os antigos que ele virou caranguejo, porque esse animal gruda nas raízes e fica lá grudado.

A água destruiu todo o caminho, arrastou troncos, fez rolar pedras em cima dos tocos e ia caindo o que havia pela frente. Karupshi queria tampar com a pedra, mas não dava mais, agora havia muita terra por cima, ela cobriu tudo.



Ilustração: Bismarque Cujubim.

Quando Kawewé voltou, chamou Karupshi que tinha virado caranguejo:

- A água levou você, fez você virar caranguejo!
- Que nada, só bebi um pouquinho e já voltei.

Ele não queria reconhecer o companheiro que estava abrindo a água, escondido dele. Kawewé mandou espalhar os galhos para fazer igarapés para que as pessoas pudessem tomar água; agora todos na maloca tinham água.



Antigamente, quando Kawewé e Karupshi abriram a cachoeira, ninguém sovinava¹ a água; a água não acabava. É tanta que pode ser perigosa; quando chove muito faz alagação. Karupshi e Kawewé receberam as pessoas e a água. O dono da água fica debaixo da água, sua maloca tem tudo, papagaio, galinha, cachorro... gente debaixo d'água chama Erowé.

Nós recebemos água redonda, tipo assim, um poção, um lago, não era um rio com cabeceira. Primeiro a água se espalhou e depois secou; a água subia para o céu, evaporando. Evaporou e veio a chuva, como a enchente. Debaixo de nós tem água, mora o dono da água. As pessoas da cidade receberam de nós a água e assim apareceu a água para os homens.

¹ Característica de quem não gosta de dividir/compartilhar.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Qual é a função das nascentes para os rios?

2) Por que as águas são importantes para você e sua comunidade? Explique a sua resposta.

3) A partir da história do povo Djeoromitxi, você conseguiu compreender o surgimento da água? Escreva um texto sobre o que você compreendeu.



Povos Ikólóéhj-Gavião e Zoró

Celso Zaryp Zoró | Nelson Padórah Gavião | Valdecir Gavião

Valdir Gavião | Valcemir Zoró

O ritual do povo Gavião e Zoró referente à água simboliza purificação. Todos os dias pela madrugada, os homens, como também as crianças, acordavam bem cedo, por volta das duas horas da madrugada, para praticar o ritual do *Pabeje*, que já fazia parte dos nossos hábitos.

Precisávamos chegar no rio antes da mariposa da noite, *Pirív koràh*, para ela não pegar a força da água antes de nós.

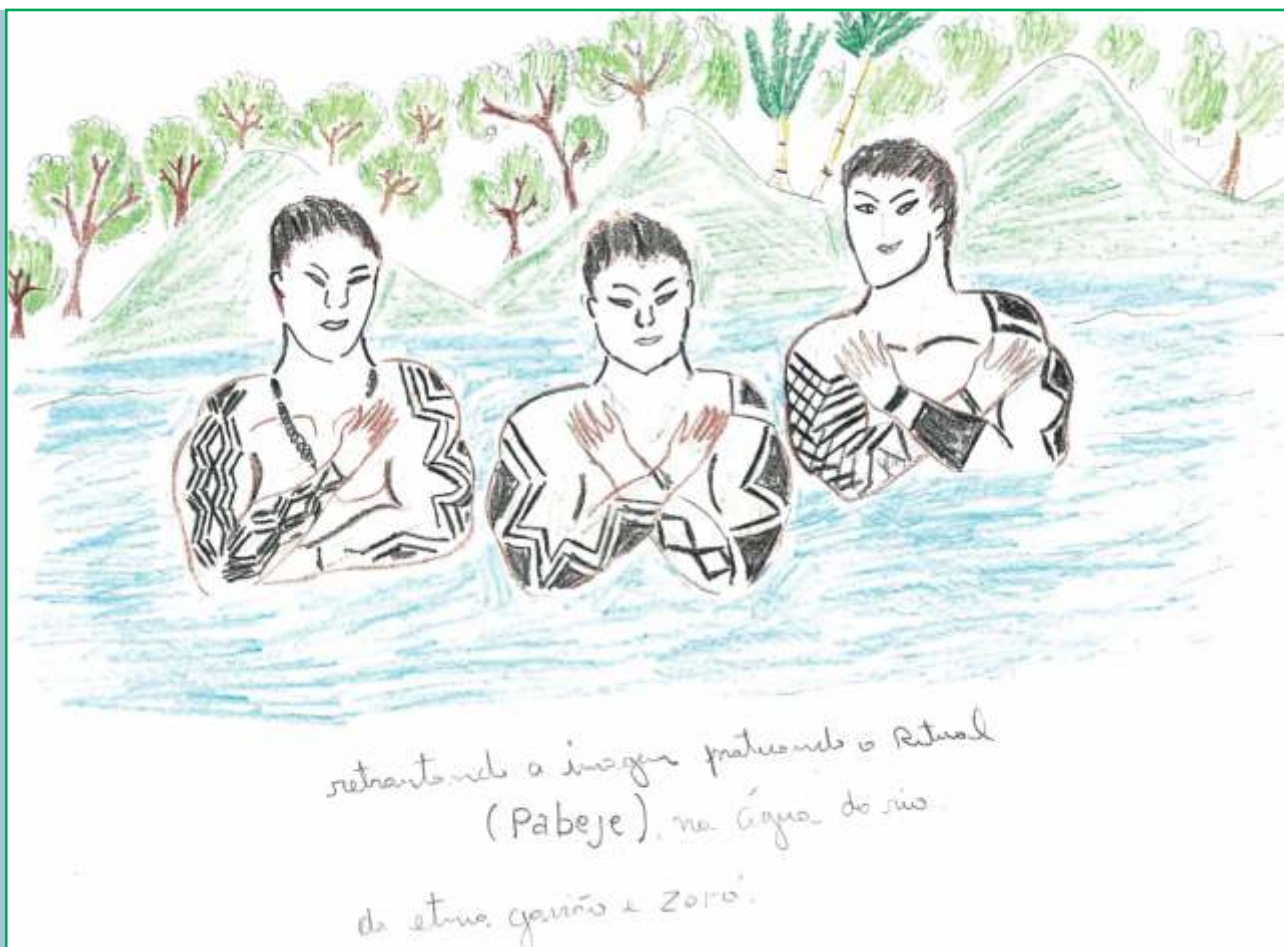


Ilustração: Valdecir Gavião.

Esse ritual que fazíamos era para ter resistência e envolvia a tática de desvencilhar-se das flechas dos inimigos, sermos bons caçadores, corajosos e trabalhadores. Isso era praticado desde a nossa infância para nos preparar para enfrentar os desafios do dia a dia.





Ilustração: Valdecir Gavião.

Toda vez que ia tomar banho nesse ritual da madrugada, a pessoa tinha que dizer algo que almejava ser. Poderíamos dizer:

– Quero ter resistência de correr atrás de macaco, porcão e catete nas serras, e também quero carregar peso.

Depois do banho, também passávamos a queima da semente de seringa e da pena de coruja; isso era feito quando ainda estávamos no rio.



Ilustração: Valcemir Zoró.

Esse ritual era feito para ficarmos mais guerreiros e ágeis no momento de combate, para nos defender e para sempre estarmos prontos para um ataque.

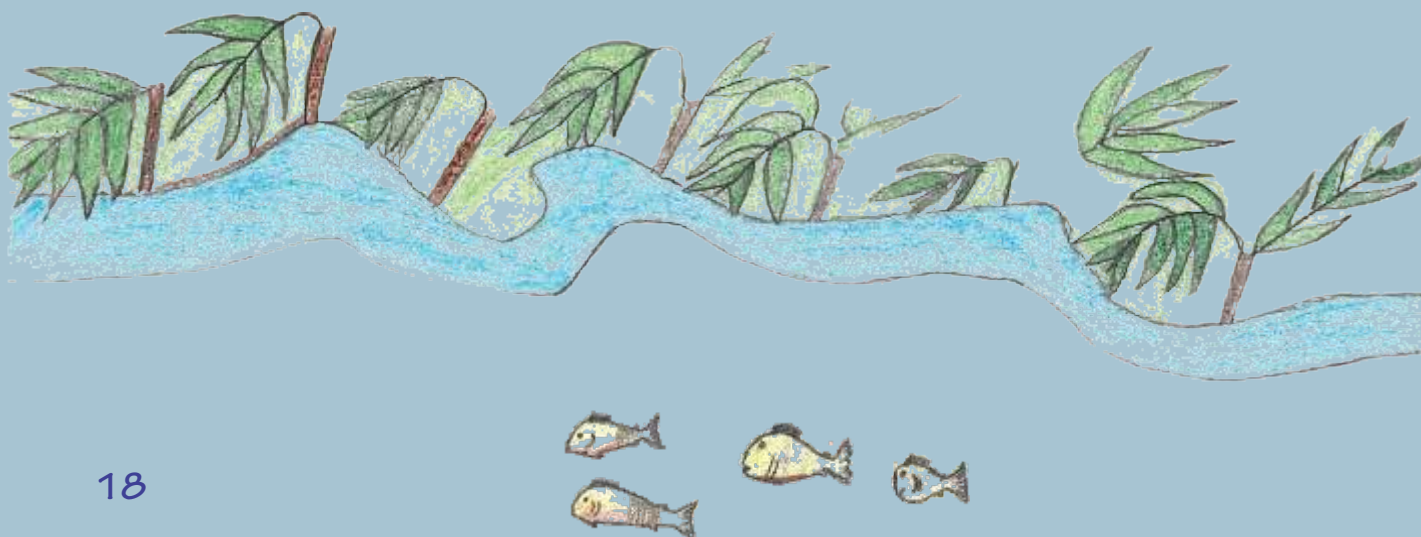


Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Quais os rios que o povo Ikólóéhj-Gavião tem?

2) Qual é a função da água na cultura Ikólóéhj-Gavião, a partir das histórias contadas pelos ancestrais?

3) Como é o nome do rio da primeira Aldeia Central do povo Ikólóéhj-Gavião? Escreva o nome dele na língua portuguesa e na língua materna. E explique o porquê foi dado esse nome na língua materna. Tem algum mistério contado pelos mais velhos? Caso você não saiba, faça uma pesquisa com os anciãos.



Povo Karipuna

Katica Karipuna | Rozimar Mucuí

No início os parentes descobriram *y'a* (água) no amanhecer do *kwara* (sol), e então, veio o tatu no meio da floresta e trouxe *y'a* para o igarapé. Nessa época, também vieram as antas junto, outros animais brotaram da água, veio o jacaré que tornou o rio grande.

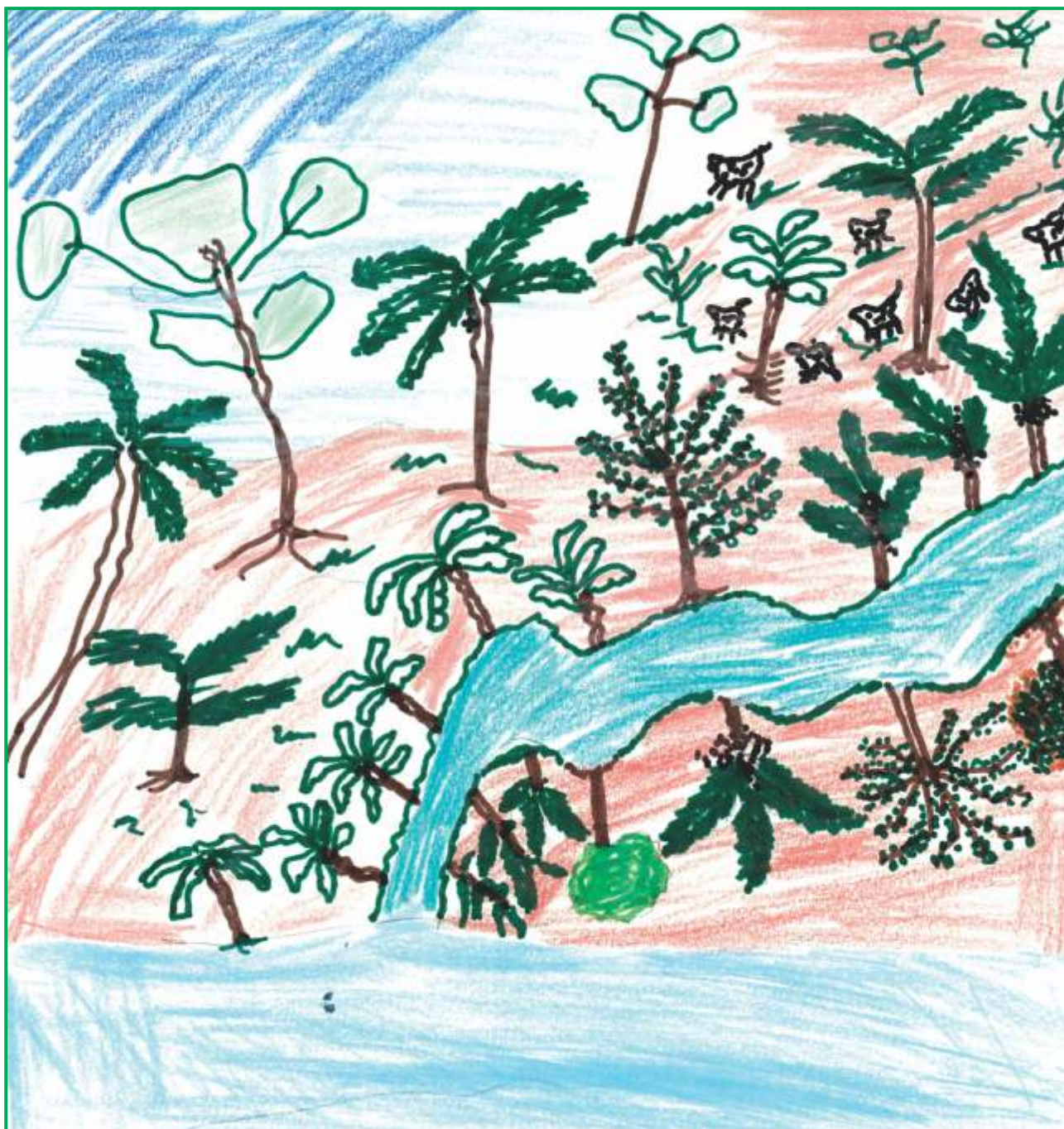


Ilustração: Rozimar Mucuí.



Para o povo Karipuna o beija-flor, o tatu e o gavião-real são sagrados.

O nome do rio que passa na aldeia é *Paranã*, também conhecido pelos não indígenas pelo nome Jaci-Paraná.

Ilustração:
Rozimar Mucuá.



Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Qual o nome do rio que passa na aldeia do povo Karipuna?

2) Quais animais são importantes para manter o caminho do igarapé, a partir da cultura Karipuna?

3) Qual a importância das nascentes para os seres humanos?



Povo Karitiana

Samuel Karitiana | Breno Macurape Karitiana | Isaías Karitiana

A história narrada pelo povo Karitiana tem uma explicação antiga sobre como surgiu a água no mundo. Quem me contou foi um dos nossos sabedores, aquele que guarda o conhecimento dos nossos antepassados. E hoje eu conto a vocês como tudo aconteceu. No começo de tudo, surgiram dois seres poderosos: Botyyj e Ora. Botyyj é o nosso Deus, aquele que representa o bem. Ora, por outro lado, era a Mãe d'Água, ligada ao mistério, ao desconhecido, e, às vezes, ao mal. Eles foram os primeiros seres do mundo. Botyyj criou um buraco da cigarra na terra e foi por ali que ele saiu para o mundo. Ora surgiu de um olho d'água. Mais tarde, Botyyj criou sua companheira, a primeira mulher do mundo para o nosso povo. Ela se chamava Tobot.

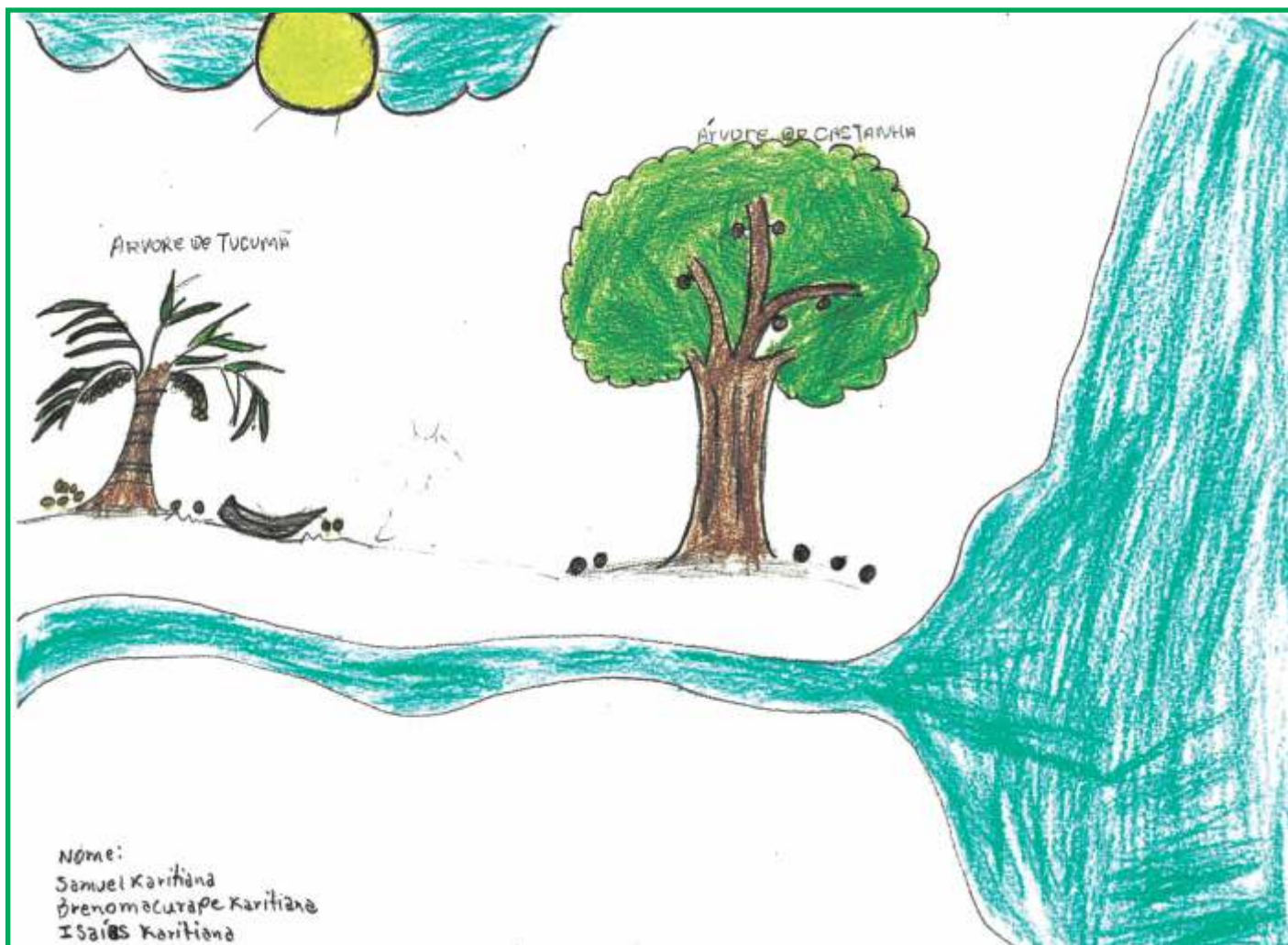


Ilustração: Samuel Karitiana, Breno Macurape Karitiana, Isaías Karitiana.



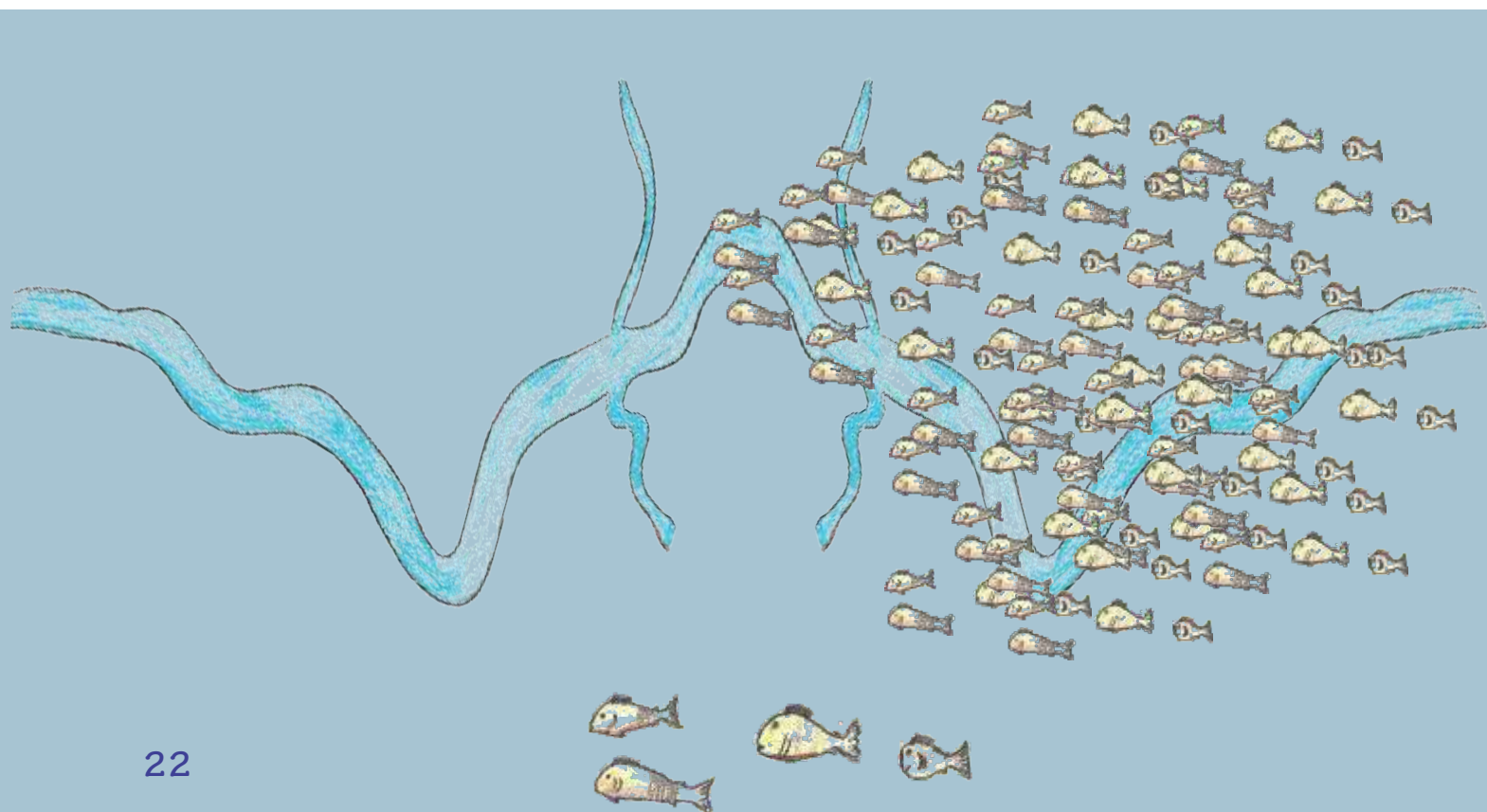
Certa vez, Botyyj estava deitado com Tobot, sua esposa, quando falou com ela sobre quebrar castanhas no dia seguinte. O irmão de Botyyj ouviu aquela conversa. Quando amanheceu, Botyyj e seu irmão saíram para quebrar castanhas juntos. No meio do trabalho, Botyyj sentiu sede e falou ao irmão que queria beber água. Seu irmão também estava com sede e então Botyyj disse que traria água para os dois. Ele pegou o coquinho do tucumã e encheu com a água da chuva que havia recolhido e bebeu. Também levou o caroço (que chamamos de coco) do tucumã para carregar a água. Quando seu irmão bebeu, não se sentiu satisfeito e perguntou de onde vinha aquela água tão boa. Botyyj então disse para ele prestar atenção: onde o umbigo da castanha caísse na água, ali era a fonte. Ora ouviu isso, foi até o lugar onde o umbigo da castanha caiu. Quando se abaixou para pegar a água, viu seu próprio reflexo na cuia (capemba) do tucumã e se assustou, achando que havia um bicho dentro da água. Gritou de susto:

– Tem bicho aqui meu irmão!

E Botyyj respondeu:

– Mata esse bicho, meu irmão!

Ora, então, pegou um pedaço de madeira e bateu no reflexo da água. Bateu uma, duas, três vezes... e de repente, a água começou a se espalhar. Transbordou com força e se espalhou pelo mundo todo. E foi assim, segundo nossos sabedores, que surgiram os igarapés, os rios, os lagos e o mar. Tudo começou com uma cuia, um reflexo, e a força dos primeiros seres do mundo.



Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Quem são os dois primeiros seres mencionados na história do povo Karitiana?

2) Como Botyyj surgiu no mundo?

3) De onde surgiu Ora?

4) Qual é o nome da primeira mulher criada por Botyyj?

5) O que Botyyj usou para buscar água?

6) O que aconteceu quando Ora viu seu reflexo na água?



Povo Kaxarari

Marizina César Kaxarari | Gean César de Souza Kaxarari

Quando *Tshura* criou a água ele fez tudo separado: os rios maiores, os igarapés mais pequenos e também os lugares em que cada rio iria desaguar.

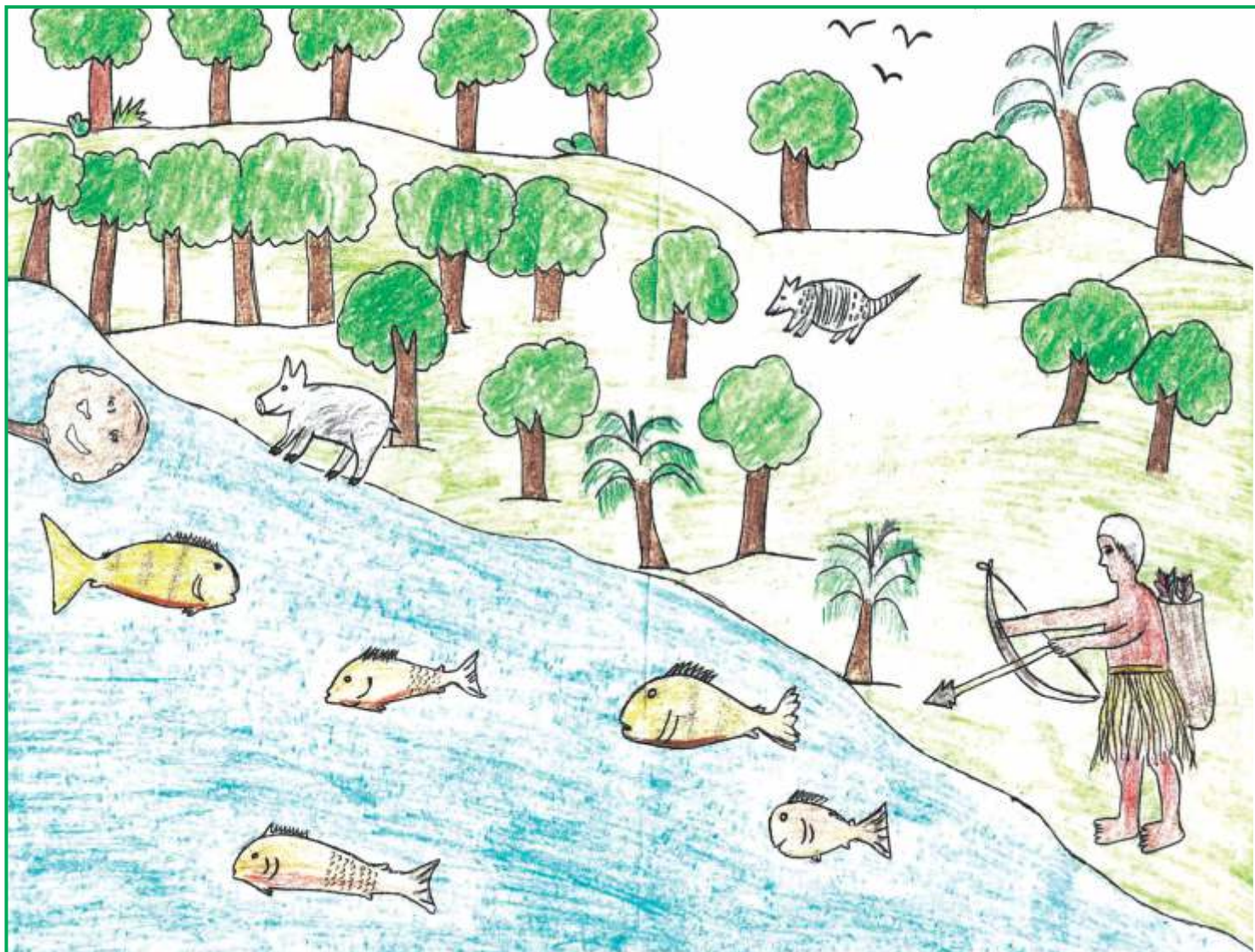


Ilustração: Gean César de Souza Kaxarari.

Quando a gente surgiu, a água já estava aqui e já fazia parte das nossas vidas. Então, na nossa geração, nós já usamos a água, *waka*, dos rios e igarapés para fazer os nossos alimentos e para tomar banho.

Tshura fez tudo e quando nosso povo foi gerado já estava tudo pronto no seu lugar.



Tshura fez tudo e quando
nosso povo foi gerado já estava
tudo pronto no seu lugar.



Ilustração: Gean César de Souza Kaxarari.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Qual o maior rio que passa na sua comunidade?

2) Para quais atividades você usa o rio da sua aldeia?

3) A água do rio da sua aldeia serve para o consumo da sua comunidade?

4) Quais memórias você lembra de sua família que envolve o rio ou a água?

5) Quem criou a água para o povo Kaxarari?

6) Como os Kaxarari usavam a água, os rios e os igarapés?



Povo Makurap

Rosana Macurap | Hermes Macurap | Margarida Macurap

Klinger Macurap Oro Nao | Ronildo Macurap | Hermes Macurap Filho

Antigamente, nós, povo Makurap, não tínhamos água para beber. Tudo começou no início do mundo. Havia três irmãos; existiam somente esses três aqui na terra, seus nomes eram Mbeyu, Nambo e Âtõika. O mais velho era muito poderoso, tinha em suas mãos tudo sob controle, era dono de tudo e não gostava de compartilhar com os irmãos; estamos falando de Nambo. Ele não trabalhava porque confiava no seu poder de magia, pois, ao fumar, ele fazia aparecer tudo o que desejava. Ao piscar os olhos ele multiplicava as coisas e as fazia sumir. Ele não andava como nós humanos, ele voava. Ao piscar os olhos, ele já estava onde queria estar. A sua irmã era quem cuidava deles, preparando comida; ela era a dona da casa onde eles moravam, ela obedecia somente às ordens de seu irmão mais velho, Nambo.



Ilustração: Hermes Macurap.

O irmão mais novo, Mbeyu, era como nós, pessoa normal, não tinha o dom de fazer magia, como o seu irmão mais velho. Mesmo assim, ele gostava de andar por todos os lugares em busca de encontrar algo importante, novos conhecimentos. Em uma dessas andanças, muito cansado de caminhar pela floresta, resolveu descansar, muito pensativo por não ter água para beber; só bebia água de sororoca (uma planta) e cipó e não era o suficiente para



o seu consumo. Enquanto isso, os dois irmãos tinham água boa, bebiam água limpa e só os dois podiam consumir. Então Mbeyu ficou muito triste e pensativo, sem ter água boa para beber, e vendo que a água que consumia era desagradável, tinha gosto ruim. A água era ‘travosa’ e não tinha gosto bom.



Ilustração: Hermes Macurap.

Ao chegar em casa, Mbeyu estava deitado em sua rede feita de tucum (palmeira), enquanto a rede do Nambo era feita de algodão; ele então observava sua irmã inquieta. Ele fingiu que estava dormindo, sua irmã viu que ele estava dormindo, então pegou o pote de barro, pôs embaixo do braço e saiu depressa para a floresta pegar água sem perceber que o seu irmão estava de tocaia, atrás de uma árvore. Ele, Mbeyu, percebendo a movimentação da irmã, resolveu segui-la, foi devagarinho para que a sua irmã não percebesse a sua presença.

Bem escondido, ele viu a sua irmã destampando um pequeno buraco na terra, onde estava escondida a água boa.





Ilustração: Ronildo Macurap.

Para não ser visto pela irmã, resolveu se transformar em muitas abelhas para atacar sua irmã nos olhos, deixando-a perturbada ao ponto de não dar tempo de fechar o pocinho de água. Ela pegou o seu pote de água, colocou na cabeça e saiu correndo para casa. Enquanto isso, Mbeyu, rapidamente se transformou em pessoa. Logo, observou o buraco da água, olhou e bebeu; o gosto era ótimo, melhor do que de sororoca (uma planta). Correu para casa, para contar ao seu irmão, que tinha encontrado água. Como o Nambo já sabia o que seu irmão iria contar, ele não deu atenção para Mbeyu.

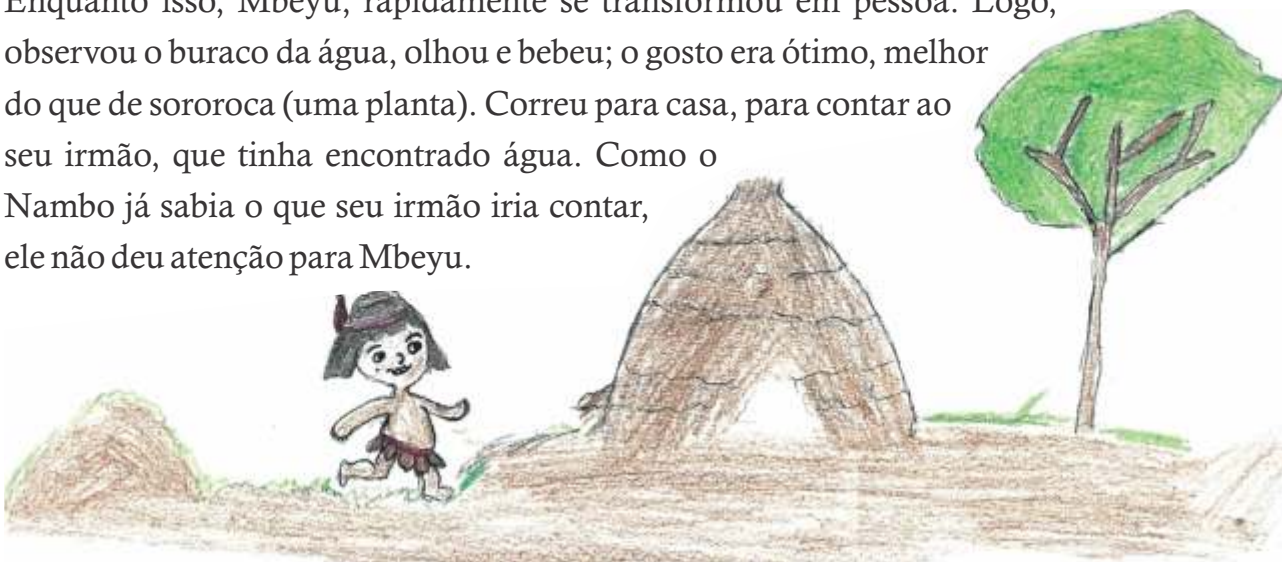


Ilustração: Hermes Macurap.

Mbeyu dizia:

– Mano, eu achei água, agora temos água boa para bebermos!

Mas Nambo não respondia. Então, ele ficou insistindo o dia todo com o seu irmão egoísta. A ãtõika ficou com dó do seu irmão, vendo o desespero do Mbeyu, querendo que o seu irmão mais velho ouvisse o que tinha encontrado. Ela disse ao seu irmão poderoso:

– Vai ver o que ele encontrou. Toda vez que seu irmão fala algo você não dá atenção para ele, sempre deixa ele falando sozinho.

Então, Nambo disse:

– Vai na frente que já estarei indo! Então, ele pegou seu tabaco e soprou, voou e chegou primeiro no local. Ao chegar, Nambo ficou observando aquele pocinho de água e disse ao seu irmão Mbeyu:



– Você vai para o lado de baixo e eu vou para o lado de cima, vamos fazer os rios! Então, pegaram um galhinho de mato e começaram a riscar a terra.

– Você deve riscar bem reto a terra para que os rios fiquem bem retos, disse Nambo a Mbeyu.

Em seguida, eles saíram riscando, o mais velho para um lado e o mais novo para o outro lado, como tinham combinado. Nambo sempre fazendo o correto, adentrou a floresta, finalizou rápido o seu trabalho e voltou para o caminho de onde tinham iniciado.



Ao chegar no local não viu seu irmão. Então, resolveu procurar acompanhando o risco na terra que o irmão estava fazendo. O Nambo seguiu o caminho, foi aí que se deu conta que o riscado estava tudo torto, ou seja, curvado; chateado com o irmão, gritou para Mbeyu:

– Eu falei para você fazer o certo, riscar bem reto na terra para que os rios fossem bem retos. Nambo, muito bravo com seu irmão, chamou a atenção dele:

– Você sempre faz coisa errada, agora os rios serão tortos. Vão fazer muita curva. Como o Nambo estava muito chateado, pegou seu tabaco, fez um cigarro e fumou soprando sobre o pocinho e as águas que se expandiram sobre os riscos formando os igarapés, rios e mares. Então, foi criado o rio Branco, por Mbeyu, cheio de curvas, e o outro, o Guaporé,



foi criado por Nambo. A força da água foi tão grande que Mbeyu ficou embaixo d'água e o irmão foi embora para casa. A irmã viu que o outro irmão não havia chegado e perguntou:

– O que você fez com o outro?

Nambo, disse:

– Está debaixo d'água!

A irmã, brigando com ele, pediu para tirar o irmão mais novo do fundo. O irmão mais velho fumou, soprou e a água secou e Mbeyu saiu vivo e disse:

– Mano, eu estava dormindo. E foi assim que surgiu a água e nós passamos a ter água, rios e igarapés.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Como surgiram os rios e igarapés para o povo Makurap?

2) Quem era Mbeyu e Nambo na história do povo Makurap?

3) A partir do surgimento do rio para o povo Makurap, quem foi o grande responsável pelas curvas do rio?

4) Faça uma pesquisa com os anciãos e anciãs sobre a importância da água para o seu povo.

5) A partir da leitura da história Makurap, escreva um texto sobre o que compreendeu da história do surgimento da água.



Povo Mamaindê

Paulo Henrique Mamaindê

Há muito tempo, não havia água. Tinha uma comunidade e nela vivia um senhor chamado Nu'adaru, anta. No lugar onde ele morava tinha crianças e, por não ter água, as pessoas pegavam um cipó para tirar a água para beber. Mas, por ser amargo e muito forte, muitas pessoas que bebiam essa água acabavam ficando doentes e morriam. As crianças também bebiam essa água e morriam.

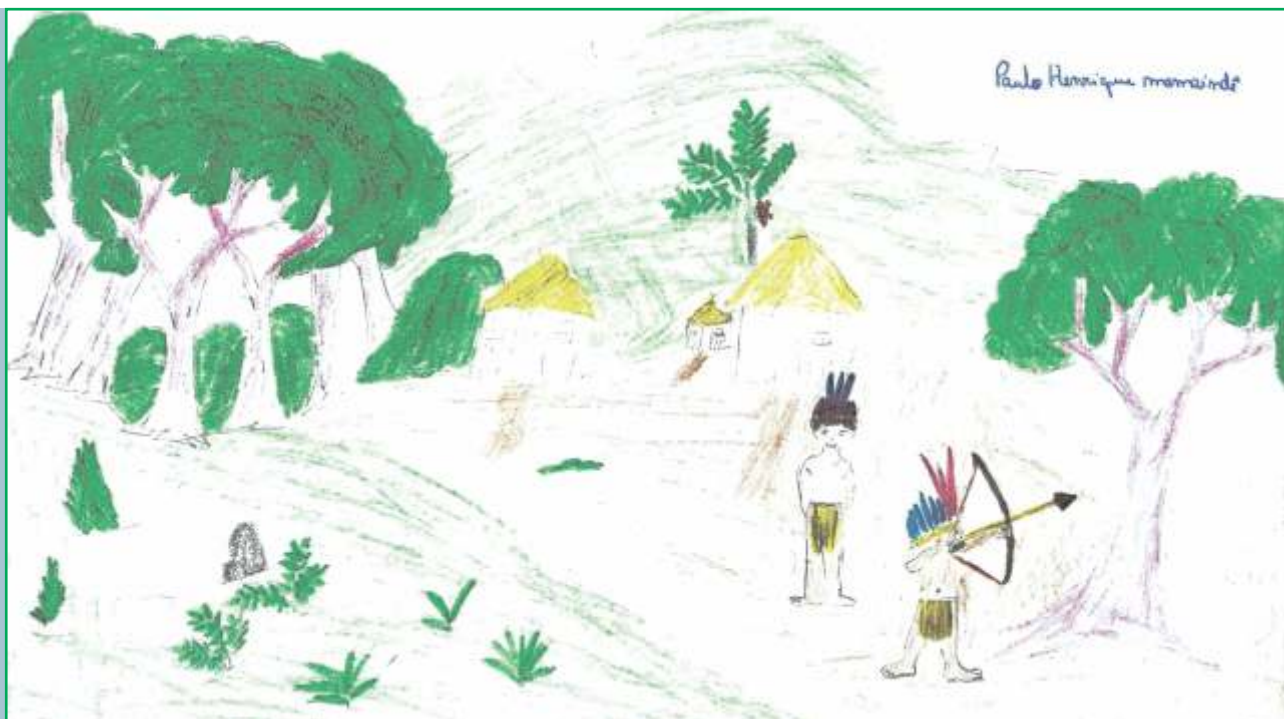


Ilustração: Paulo Henrique Mamaindê.

Certo dia, um senhor da comunidade, vendo que a anta sempre saía e voltava com o corpo coberto de lama, ficou curioso. Isso fez com que o senhor perguntasse para a anta:

– Eu reparei que toda vez que você sai e volta, sempre está com lama em seu corpo. Quero saber onde você acha essa lama, pois, se você achou lama nesse lugar deve ter água. Você sabe que nós estamos precisando dessa água também, as nossas crianças estão morrendo de sede. Você poderia mostrar para nós!

A anta ficou ouvindo e então respondeu para o senhor da comunidade:

– Sim, toda vez que eu vou eu encontro a água e volto com o barro no meu corpo; mas essa água eu que faço e se você não tiver nojo em querer beber, eu posso contar para você! Então, continuou:



– Eu faço essa água através da minha urina, depois eu misturo com a areia e vira uma lama e, após isso, vira um pequeno *wurunã* (lago). Você pode ir à floresta e vai encontrar! Vai ver o meu rastro por onde eu andei, através do barro e vai encontrar a água.

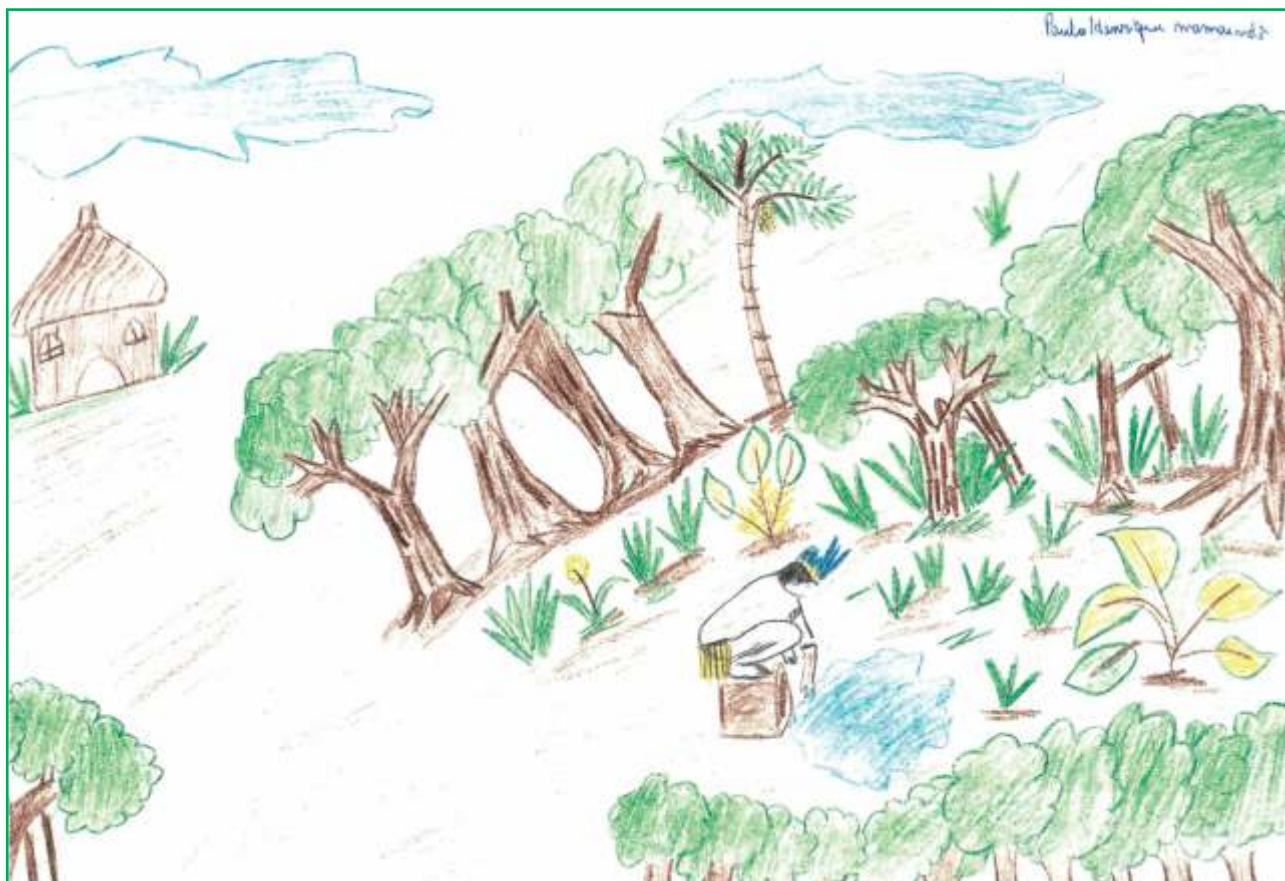


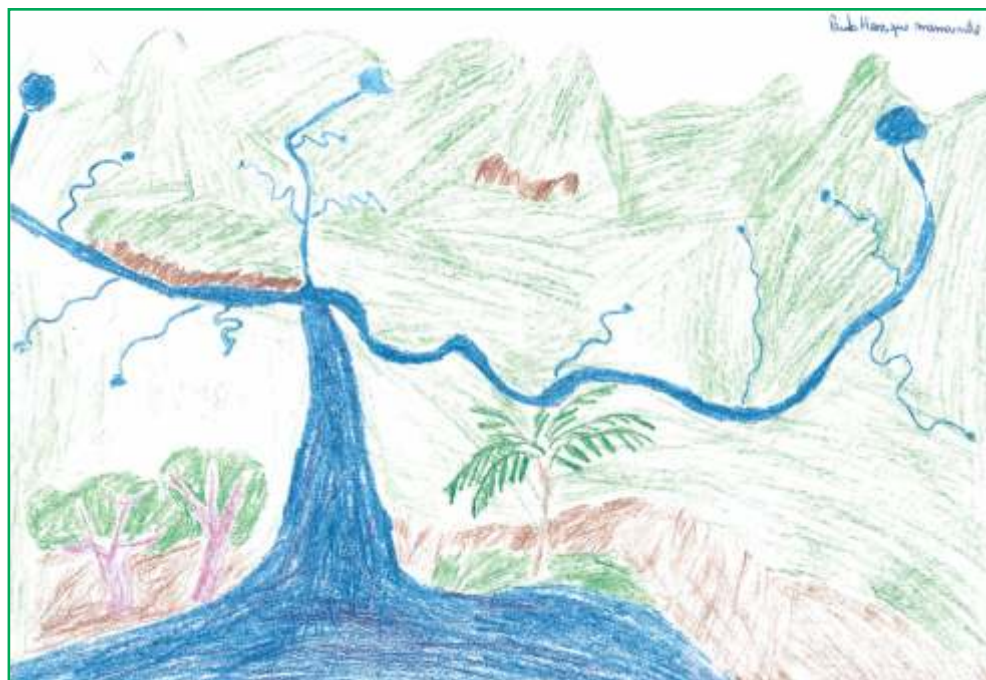
Ilustração: Paulo Henrique Mamaindê.



Ilustração: Paulo Henrique Mamaindê.

O senhor ouviu, chamou as pessoas e as crianças para procurar essa água. Então, conseguiram achar o lugar e pegaram a água em uma cabaça e, ao voltar para a aldeia, a *nu'adaru*, a anta, já tinha sumido.





Foi então que ele criou os pequenos *wurunã* (lagos), e começou a descer as águas. Com isso, surgiram os igarapés e os rios grandes como o rio Pardo e o rio Cabixi.

Até hoje o nosso povo Mamaindê encontra as antas nas cabeceiras dos rios e igarapés, porque ele é o dono dos rios.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

- 1) Faça uma pesquisa com a comunidade para saber se têm lagoas sagradas no território. Depois, escreva a importância desses lugares – as lagoas sagradas – para o povo Mamaindê.

- 2) Pesquise quais os nomes dos igarapés importantes do seu território e descubra as histórias que explicam os nomes dos rios na cultura Mamaindê.

- 3) Pesquise o nome do rio Cabixi e rio Pardo na língua materna e explique as suas histórias.



Povo Oro Wari

*Abrão Oro Nao' | Pakao' Oro Nao' | Wem Kanum Oro Nao' | Mateus Oro Nao'
Aginilda Oro Nao' | Ana Oro Nao' | Celson Oro Waram | Clessio Oro Waram
João Luiz Oro Waram | Laércio Oro Nao' Suruí | Maicon Oro Nao'
Neurivan Oro Waram | Robson Oro Waram*

Oropixi ko kep nam manakon koyi ka' (kwayi ka'). Ma na' aka na koyi ka (kwayi ka'). Mao' nain pira', an mao' nain kom pain iri pira'. Iri kotene xek ka om kokon kom oro wari' nana. Tomi ak ka na koyi ka' (kwayi ka'), an pin ram manaxi' ma ta non koxa ka', ma' na', wra ma ma' ye e' nanam, maki ta pa' ao' ak ka na. An in ma ak kain na kom nonom.

Hrawet (piye') paxi na oropixi, a ne tama' ara xo mao' kam manakon koyi ka' (kwayi ka') ne, krik ak kon torao' na pain ka kep kam manakon koyi ka' (kwayi ka'), wriko ko tomi wet ma'. Aka iri



xina ne', wra ra pin na, ara xo' mao' ara xo' mao' ak kam na nonom. Mao' na nonom, ya xi kom ak ka ka ma' nana hwiyma' (hwiyma'), wra om pin na kom na na', miya na tokwe, pi', oro kayi makon pin na' mati kom ma', tomi' nonon naman tika', nro xun koteye (kotehwe) e' nonon, wra ra xo mao' nain kotene hop nonon, tomi non koyi ka' (kwayi ka'), wra ra xo' rain trim me ta', maki ta na kotene hotowa ta na, ye para in ki ne kom ka', wriko oropixi ko' an in nain kom ta' nana oro wari'.

A história conta que não há o surgimento da água, mas conta sobre o dono da água. Dentro da aldeia tinha um casal que teve dois filhos; o primeiro já era adulto e tinha duas esposas; o outro era recém-nascido e era chamado de Oro Pixi'. Relatam que ele costumava chorar, a mãe pegava ele no colo, fazia de tudo, mas ele não

Ilustração: Robson Oro Waram e Celson Oro Waram.



parava de chorar. A comunidade começou a se preocupar, porque não sabiam o que estava acontecendo com o bebê. As mulheres se reuniam para acalmar Oro Pixi' para ele parar de chorar. Mesmo assim, ele continuava. A esposa do seu irmão decidiu então pegar o bebê no seu colo.

Quando ela pegou o bebê no seu colo, ele começou a parar de chorar, e ela levou ele para trás da maloca. Aí Oro Pixi' se tornava um adulto e namorava a esposa do seu irmão; quando terminava de namorar, ele voltava a ser um bebê. Ele tinha esse poder para se transformar em adulto. Todos os dias continuava a mesma rotina de sempre, chorar muito para que a sua cunhada o pegasse no colo para, então, namorar com ela.

Certo dia um papagaio viu os dois atrás da maloca e gritou:



Ilustração: Robson Oro Waram e Celson Oro Waram.



Ilustração: Robson Oro Waram.



– Oro Pixi ’tá namorando a esposa do irmão dele.

Aí o irmão dele descobriu a traição e ficou muito bravo com ele. Então, cortou a esteira onde ele descansava e dormia. Oro Pixi’ retornou adulto e não era mais um bebê; ele ficou triste porque cortaram todas as coisas dele. Daí ele fugiu para a floresta. Passou pelo menos dois dias e retornou para a maloca à noite; foi até o seu pai e sua mãe e falou:

– Pai, vou embora, porque estou muito triste com o que fizeram com as minhas coisas! Já estou indo embora, vou levar a água. Você precisa cortar o tronco de madeira e encher de água!

Então, o pai dele obedeceu.



Ilustração: Robson Oro Waram.

No outro dia, amanheceu e as crianças foram à beira do rio para tomar banho, e não tinha mais água. As crianças saíram correndo para avisar os seus pais que o Oro Pixi’ tinha levado a água. Então, as pessoas da maloca ficaram sem água. Oro Pixi’ passou mais de ano na floresta, sumido. As pessoas ficaram desesperadas:

– Cadê água? Cadê água?

O irmão dele chamava os filhos e dizia:

– Vamos procurar o tio de vocês.

E foram para a floresta procurar o dono da água; procuraram, procuraram e, então, o encontraram, e ele estava fazendo relação com o jacaré.



Quando viram ele fazendo isso ficaram tristes. Para convencer o irmão a voltar para casa e trazer a água de volta, ele ofereceu a sua mulher para que ele pudesse se casar com ela. Oro Pixi' aceitou a proposta do irmão para se casar com a esposa dele. E, então, ele disse para o irmão voltar para casa e que em alguns dias ele voltaria com a água.

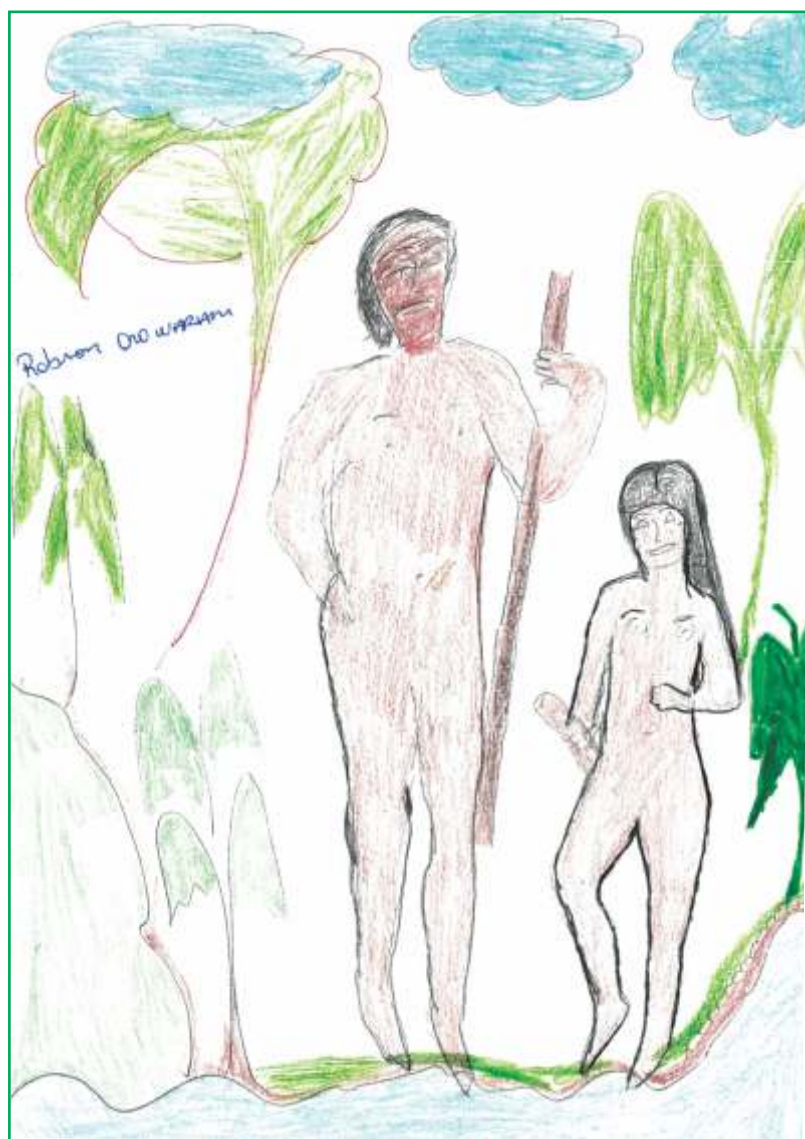


Ilustração: Robson Oro Waram.



Ilustração: Robson Oro Waram.

Passaram-se alguns dias e as pessoas que estavam na comunidade foram para o lugar onde não tinha água. Então eles viram que os rios e igarapés já estavam cheios. Essa história é longa e não tem fim.



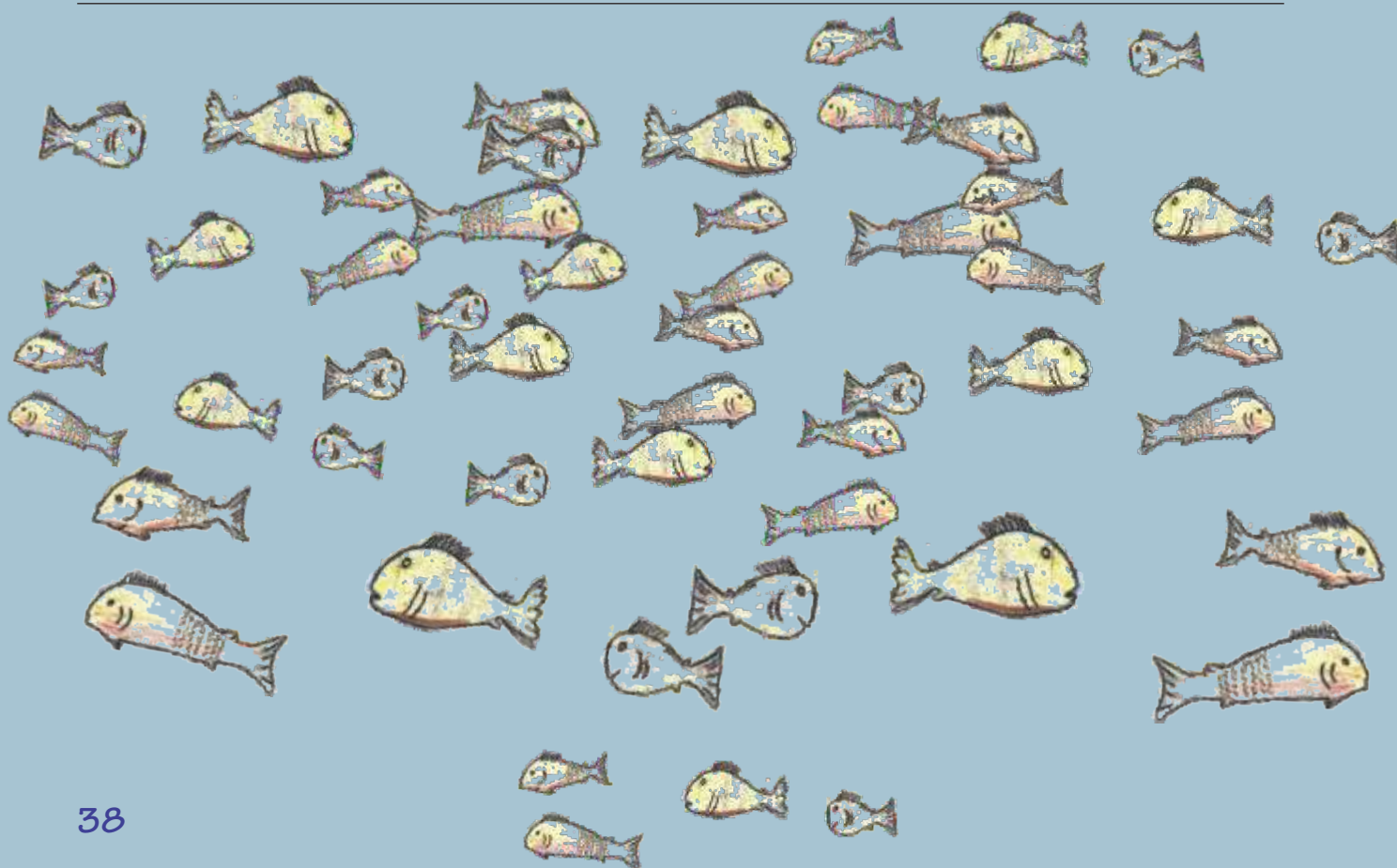
Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Qual é o nome do rio ou igarapé que passa na comunidade do povo Oro Wari?

2) Desenhe e pinte em seu caderno os rios e igarapés importantes para o seu povo que estão dentro da terra indígena onde você vive.

3) Quais os tipos de animais que vivem dentro da água? Escreva os nomes na língua materna e em português.

4) Qual é o nome do personagem principal citado no texto? Explique quem foi ele.



Povo Paiter-Suruí

Margarida Ichaga Suruí | Sandra Itxayed Suruí | Narre Suruí | Sérgio Lãmapy Suruí
Ezequiel Suruí | Litemp Guilherme Suruí | Edney Oyniin Suruí | Gabgoda Ricardo Suruí

Magerter palob dena mawe amitor aga ena eh. Ayabga oy esed meredena palob ena eh. Ete palob dena mawe amitor sade itxer eon mi ewe ikin aladeka, itxer esina xiyagaragoa paiter kabi anipoah dena eh. Ayab dena paiter aga aladewamaka moralah tih ka owapigey kabi itxer emaga mã ena eh. Ete mater moralah peredena paiter ikin emi ena eh.

Ete moralah dena ena palob de akay eka goy koy yemaã ena eh, ete ena yakade etiga te itxer dena asaranéh wemaã goy pabi ena eh. Ete ehtími te ihbid, ih kabe, ih sonimáh, bagater ih-ey jena apin ena eh. Moralah te dena xipe alab weta ena maki wepa ena eh. Ete ena ih dena apehtê mawe amitor ka ena eh.

Ete karoh dena ehtími te apin ih iway nha ena eh. Ayab sadena akarbami ih ka aweitxa ani eh. Ete ikãy-ey sadena paiter ewa yaka ani ãh iwe mã ani eh.

No começo, Palob (nosso Deus) criou o mundo. Na terra estava Palob e ele viu que não tinha água na terra. Então, imaginou que a água seria uma coisa importante para as pessoas, os animais e tudo que ele criou na terra. Antes de criar os humanos na terra, mandou um animal *moralah tih*, o tatu-canastra, cavar um buraco. No mesmo instante a água saiu da terra, onde o *moralah* estava cavando. Assim, surgiram as nascentes de água na terra.



Ilustração: Litemp Guilherme Suruí.

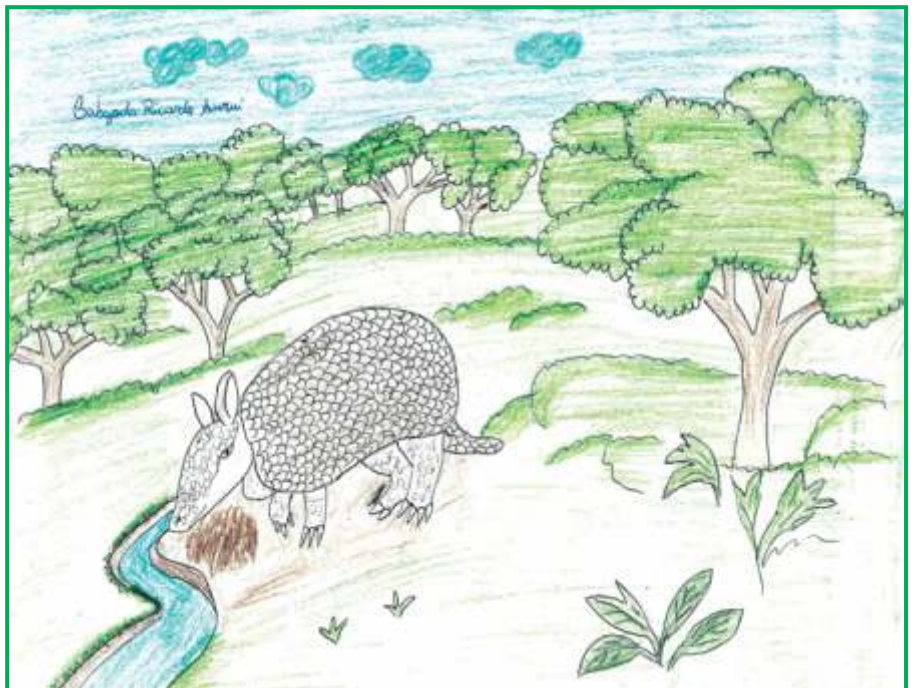


Ilustração: Gabgoda Ricardo Suruí.



Após fazer tudo isso, Palob pediu que ele puxasse o rio para longe; assim, o próprio *moralah* fez os afluentes (os braços dos rios). Então, ele foi caminhando, cavando para frente e assim *moralah* fez os igarapés e rios pequenos, que foram se espalhando pela floresta e pelo mundo.



Ilustração: Sérgio Lãmapy Suruí.

Ao mesmo tempo, o Palob criou *karoh* no igarapé, como o dono da água. Após muitos anos após a criação, apareceu uma senhora anciã pajé; ela estava sentada na beira do igarapezinho. Então *karoh* saiu do igarapé como onda de mar e daí esse rio que era pequeno virou um rio grande na frente dela. Esse foi o momento de surgimento dos rios grandes para o povo Paiter.



Ilustração: Ezequiel Suruí.

Dessa forma, surge o primeiro dono do rio que é Karoh. Os mais velhos contam que o Karoh devora as pessoas e tem domínios sobre as águas, os rios e vive nas profundezas das águas. É considerado o dono do rio. Para nós, o povo Paiter, onde tem Karoh tem água e a água nunca seca.



Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) O que vocês observaram no texto e nos desenhos?

2) Traduza as palavras para a língua materna:

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| a) Água: _____ | e) Rio: _____ |
| b) Tatu-canastra: _____ | f) Igarapés: _____ |
| c) Nascente: _____ | g) Animal: _____ |
| d) Floresta: _____ | h) Pessoas: _____ |

3) Pesquise com os anciãos e anciãs como surgiu a água.

4) Quem são os narradores da história?

5) Quem criou o mundo para os Paiter? Responda na língua materna.



Povo Tupari

Helena Tupari | Marciel Tupari | Leandro Tupari | Osmar Tupari | Silvio Tupari

Antigamente, havia uma moça fazendo chicha, e essa moça ia ao igarapé pegar água. Foi aí que ela viu uma semente de uma fruta que chamamos hoje em dia de cajá (*a'ayt*). Mas, na época, não havia nenhum pé de cajá na beira do igarapé; havia só uma fruta dela descendo (boiando) em cima da água. Ela pegou a fruta e começou a chupar e engoliu a semente; mas não era uma fruta verdadeira, era uma cobra se disfarçando de uma fruta que estava procurando uma mãe para ele.

A partir daquele momento em que ela engoliu a semente de cajá, ela engravidou, mesmo nunca tendo se relacionado com homem algum.

Meses se passaram e a barriga da moça começou a crescer até completar os meses. Então, ela foi ter o parto, só que em vez de nascer uma criança, começaram a sair cobras de todas as espécies. Foi aí que surgiram as cobras de várias espécies. Entre essas cobras tinha uma mais bonita; devido à pintura, a moça pegou essa cobra para ela criar, e as outras foram embora para o mato. A cobra mais bonita ela colocou em um pote de barro.

Conforme ela crescia, quebrava o pote e a mãe então colocava a cobra bonita em um pote maior.

Ela [a cobra] sempre levava a sua mãe para pegar peixe no igarapé. Na história conta que quando entrava na água, a água secava e a mãe escolhia os

tipos de peixes que ela preferia. Assim que ele (cobra) saía de dentro do igarapé, a água voltava ao normal.



Ilustração:
Marciel Tupari.

Ilustração: Leandro Tupari.



Ilustração:
Leandro Tupari.



Ilustração: Leandro Tupari.



Nesse dia, ela pintou a sua mãe com uma pintura muito linda; foi quando a sobrinha da sua mãe ficou com inveja e pediu para a mãe falar para o seu filho pintar ela. Mas, ele só pintava se fosse moça, mas a sua sobrinha já tinha passado de ser moça. Para fazer a pintura ele colocava dentro da sua boca e começava a morder deixando a tinta no corpo dela, foi então que a sobrinha pediu para ele pintar o corpo inteiro. Foi aí que ele engoliu a sua sobrinha e sua mãe pediu para ele colocar a sua sobrinha para fora novamente.

Na segunda vez, ele engoliu sua avó; foi aí que o seu tio ficou bravo e bateu tanto nele que até matou a sua vó dentro da barriga dele.

Neste momento, a mãe da cobra estava conversando com ele, para poder colocar para fora a sua avó, mas não deu tempo e o tio ficou bravo. Foi esse o motivo que fez ele ir embora daquele lugar para bem longe. Então, ele foi embora fazendo curvas e formando as curvas que existem até hoje nos rios.



Ilustração:
Leandro Tupari.

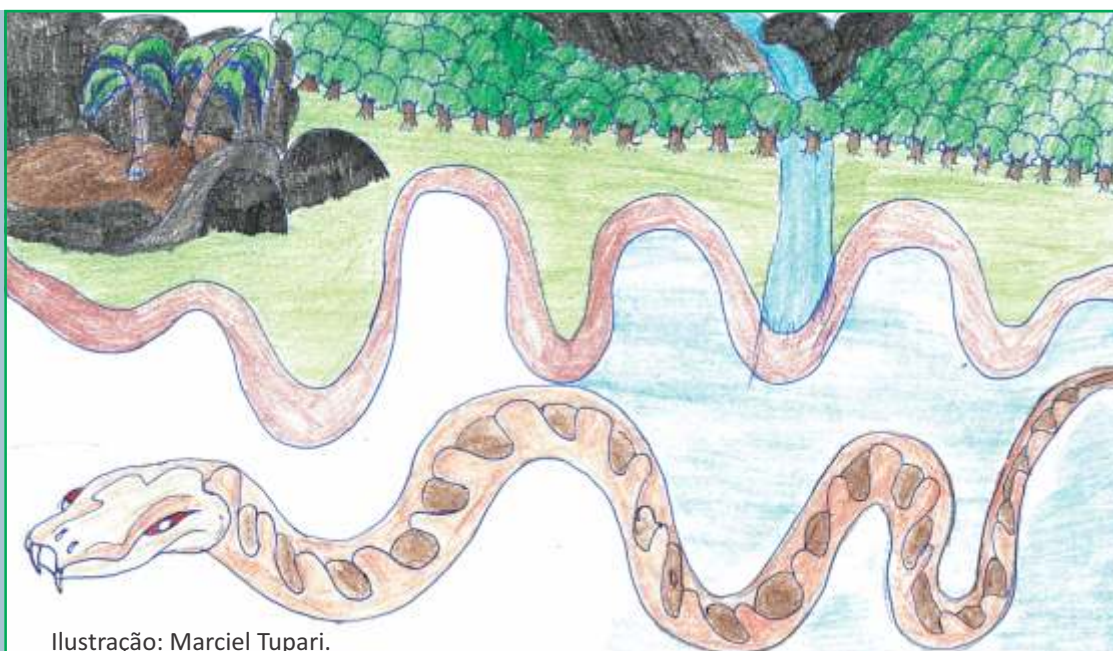


Ilustração: Marciel Tupari.

A formação do poço (poção) do rio é onde ele, cobra, dormia para poder descansar. Enquanto ele parava para descansar, ele soltava as conchas, que é criação dele, cobra. E, se todas as conchas voltassem para esse lugar, aquele lugar seria sua morada. Mas, algumas voltavam e outras viravam comida; isso significava que aquele lugar não seria lugar ideal para morar; então, seguia sua viagem abrindo os rios. Nesses lugares, hoje são os poços.



Onde ele parou chamamos de rio grande, na nossa língua *iu erat* (rio infindável, onde não vemos a outra margem).

Foi assim que surgiu o rio para o povo Tupari. Essa cobra transformou-se no arco-íris, pois ela tinha umas cores bonitas e diferentes. Para nós, os vários tipos de cobras surgiram de dentro da barriga de uma mulher.



Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1. Leia a história e marque (X) na resposta certa:

Quem estava fazendo chicha antigamente?

- ☐ a) A cobra
- ☐ b) A mulher
- ☐ c) O homem
- ☐ d) A criança



2. Marque (X) na resposta certa:

Qual o nome da fruta na língua materna que estava descendo através do rio?

☐ a) Otãibit

☐ b) A'ayt

☐ c) Abi'a

☐ d) Atao'a

3. Pesquise com os anciãos mais detalhes de como surgiram os rios para o povo Tupari.

4. Desenhe em seu caderno o rio que passa na aldeia onde você mora.

5. Pesquise com os anciãos e crie frases utilizando as palavras abaixo:

a) cobra _____

b) mulher _____

c) homem _____

d) cajá _____

e) rio _____

f) igarapé _____

g) pote de barro _____

h) peixe _____

i) mãe _____

j) pintura _____



Povo Wajuru

Marlene Wajuru | Ana Délia Wajuru

Os anciãos do nosso povo contavam que, quando surgiu o mundo Wajuru, não existia a água; só bebiam água das folhas e das raízes. A água que tinha era pouca, bebiam só gotinhas. A água tinha dono; o dono era o Mussum, chamado *Wawãpod*.



Ilustração: Ana Délia Braga e Marlene Wajuru.

Ele sovinava² água para o povo. Os dois irmãos descobridores da água roubavam água do Mussum; eles colocavam um prato de barro embaixo da boca do Mussum para aparar a água. Ele não tinha veneno, ficava enrolado. O irmão mais novo era danado, não parava quieto, toda hora ia tomar banho e buscar água.

² Característica de quem não gosta de dividir/compartilhar.





Um dia, o irmão mais velho não quis acompanhar o outro e pediu ao mais novo para ir sozinho. Ele foi e abriu a boca do Mbotoyo, soltando toda a água que estava presa. Como era muita, ele foi levado pela água que escorria. Ele ia se afogando e se debatendo; todas as vezes que ele abria os braços formava os igarapés.



O irmão danado ficou na água. O irmão mais velho precisou cheirar rapé para o irmão sair da água. O irmão mais novo, quando saiu da água; já saiu vomitando peixes e água; assim também surgiram os peixes.

Então, o irmão mais velho perguntou o que ele foi fazer na água, e ele respondeu:

– Fui visitar vovô.

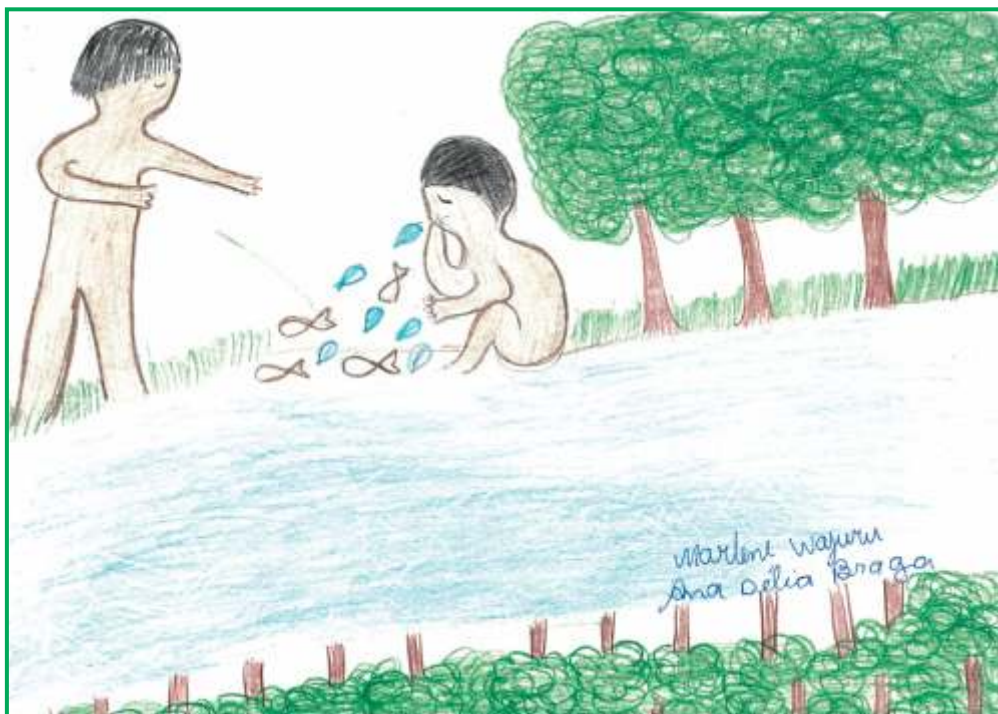


Ilustração: Ana Délia Braga e Marlene Wajuru.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

- 1) A água, os rios e os igarapés são importantes para a vida dos seres humanos, plantas e animais? Explique com as suas palavras.

- 2) Faça uma pesquisa com os anciãos e anciãs do seu povo sobre o nome da água, igarapé e rio na língua materna.

- 3) A partir da história do surgimento da água, você compreendeu quem descobriu a água para o povo Wajuru?



Ciclo da Água na Floresta Amazônica

Tudo começa quando o sol esquenta bastante os rios, os lagos e as folhas das árvores. Com esse calor, a água sobe para o céu em forma de vapor, o que chamamos de evaporação.

Lá no alto, o vapor se junta e esfria, virando gotinhas de água bem pequenas. Esse processo se chama condensação, e é assim que as nuvens se formam – como se fossem cobertores fofinhos no céu. Quando as nuvens ficam bem cheias, a água cai de volta para a floresta em forma de chuva.

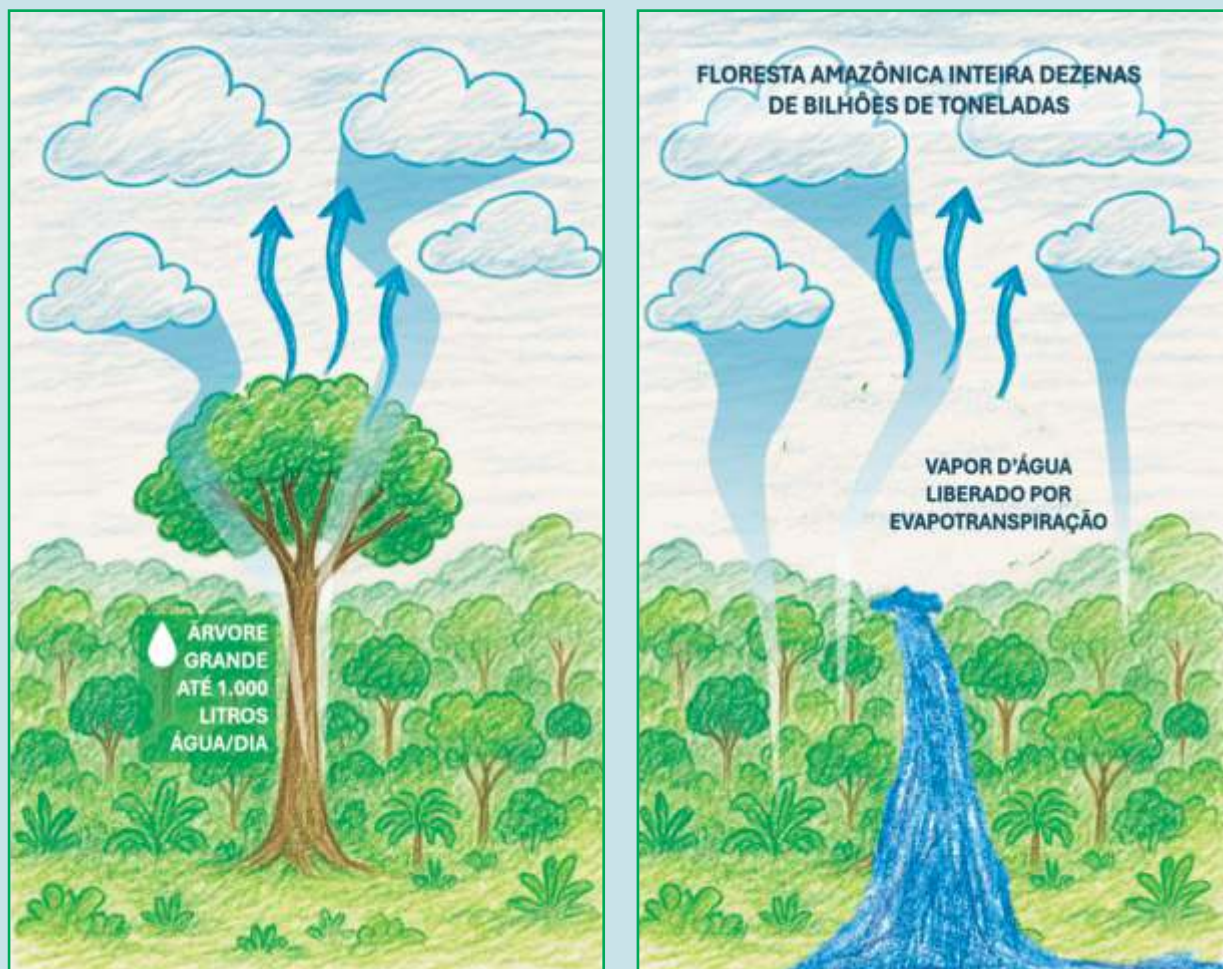
A chuva molha a terra, enche os rios e a parte que entra na terra – chamado de infiltração –, ajuda as árvores a crescer. As árvores também participam desse ciclo: pelas suas folhas, elas soltam vapor d'água no ar – isso se chama transpiração. Esse vapor volta para o céu, ajudando a formar novas nuvens, junto com a água que evapora – estes dois processos juntos se chamam evapotranspiração. E assim o ciclo da água continua, sem parar!

E sabe, aquela neblina que aparece cedinho na floresta? Ela acontece quando o ar está úmido e esfria durante a noite. O vapor se transforma em gotinhas bem pequenas que flutuam no ar. Parece mágica, mas é a natureza trabalhando!

Na Amazônia, a floresta e a água são uma grande equipe, uma depende da outra, e todos dependemos dessa interação entre as duas. Cuidar das árvores é cuidar da água, da vida dos rios, dos animais e de todas as pessoas que vivem nesse lugar!



Curiosidade: Sabe quanto vapor de água uma árvore amazônica devolve à atmosfera? E toda a floresta amazônica?



Fonte: Dados do www.ccst.inpe.br. Imagem gerada com base nas demais figuras do livro.

E toda essa água que retorna do solo para a atmosfera, com a ajuda da floresta, forma os chamados “Rios Voadores”.

O que são os “Rios Voadores”?

Imagine que a Floresta Amazônica é uma gigantesca “bomba d’água verde”. As árvores, com suas raízes profundas, sugam a água do solo e, através do processo chamado evapotranspiração (como se fosse o “suor” das plantas), devolvem uma enorme quantidade de vapor de água para o ar.

Esse vapor de água é tão volumoso que forma verdadeiros rios invisíveis no céu – os chamados “Rios Voadores”.



A Produção de Umidade na Amazônia

A floresta é tão poderosa que uma parte significativa da chuva que cai na própria Amazônia (cerca de 20% a 35%) vem dessa umidade que as próprias árvores liberaram. É um ciclo de “reciclagem” local.

O transporte para o Centro-Sul e Sudeste:

Quando o vento (conhecido pelos cientistas como Jato de Baixos Níveis) traz o ar úmido da Amazônia, ele encontra um obstáculo natural: a Cordilheira dos Andes.

Rios Voadores



Ilustração: Hérica Oro Mon e Josiane Cinta Larga.

Como uma parede, os Andes forçam esse ar úmido a fazer uma curva e seguir para o sul do continente, canalizando-o sobre o Centro-Oeste, o Sudeste e a Bacia do Prata (que inclui partes do Sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina).

Essa massa de vapor é o que abastece as chuvas e temporais nessas regiões, especialmente durante a estação chuvosa. Estima-se que uma boa parte da chuva que cai na Bacia do Prata e no Sudeste (algo entre 18% e 29% na época de chuvas) tem origem direta das árvores amazônicas.



E, na prática, em que esse fenômeno influencia?

A Amazônia, ao manter esse ciclo de umidade, garante a chuva em outras partes do Brasil. Quando a floresta é derrubada (desmatamento), a “bomba d’água verde” enfraquece, e menos vapor de água é liberado no ar. Isso pode diminuir a quantidade de chuva no Centro-Sul do Brasil.

As consequências são sérias: afetam a agricultura (lavouras precisam de chuva), a produção de energia hidrelétrica (que depende de rios cheios) e o abastecimento de água nas grandes cidades e comunidades.

Em resumo, a Amazônia é essencialmente a fábrica de chuva que irriga grande parte do Brasil (e parte da América do Sul), e sua preservação é vital para o clima e a economia dessas regiões.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

- 1) Faça um desenho em seu caderno, utilizando a imagem abaixo como exemplo, e represente os seguintes componentes do ciclo hidrológico: Evaporação – Condensação – Nuvens – Chuva – Transpiração.



Ilustração: Litemp Guilherme Suruí.



Bacias Hidrográficas

Você já ouviu falar em bacia hidrográfica?

Parece complicado, mas é bem fácil de entender! Imagine um grande espaço de terra onde toda a água que cai durante a chuva escorre para o mesmo lugar, um rio principal. É como se fosse uma enorme bacia de verdade, só que feita pela natureza! As bordas da bacia são representadas pelas partes mais altas do relevo, normalmente formada por morros e montanhas, que servem como barreiras, divisores ou limites da bacia hidrográfica, garantindo que toda a água que cair dentro dessa área, permaneça na bacia.

Bacia Hidrográfica

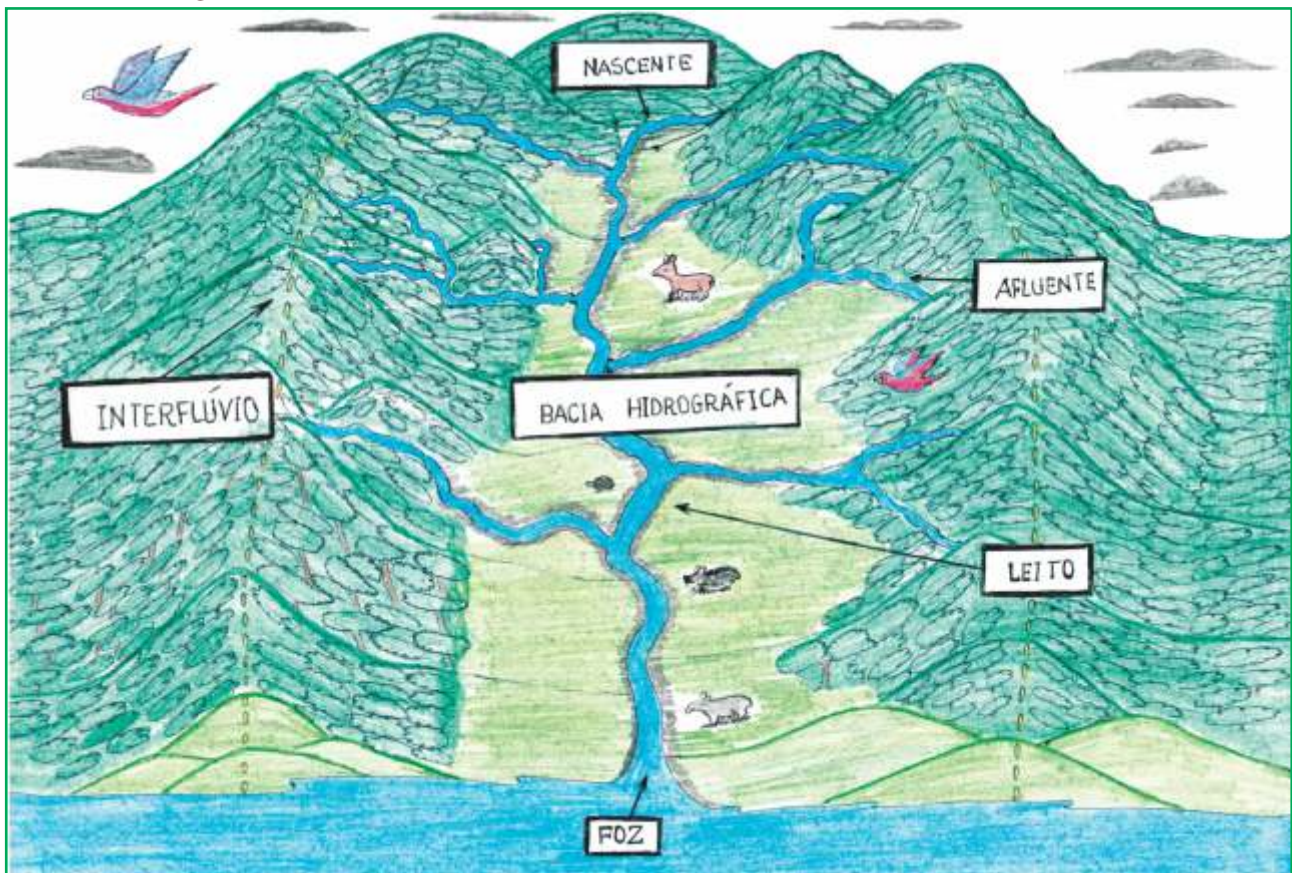


Ilustração: Nelson Pandora Gavião.

A água desce das partes mais altas (morros, montanhas, áreas mais elevadas) para as mais baixas, formando pequenos igarapés que, ao se encontrarem, viram rios maiores. Esses rios juntam suas águas e seguem um caminho até chegar em um rio principal. Tudo isso forma uma bacia hidrográfica (BH).



Bacia Hidrográfica nas territorialidades indígenas na Amazônia

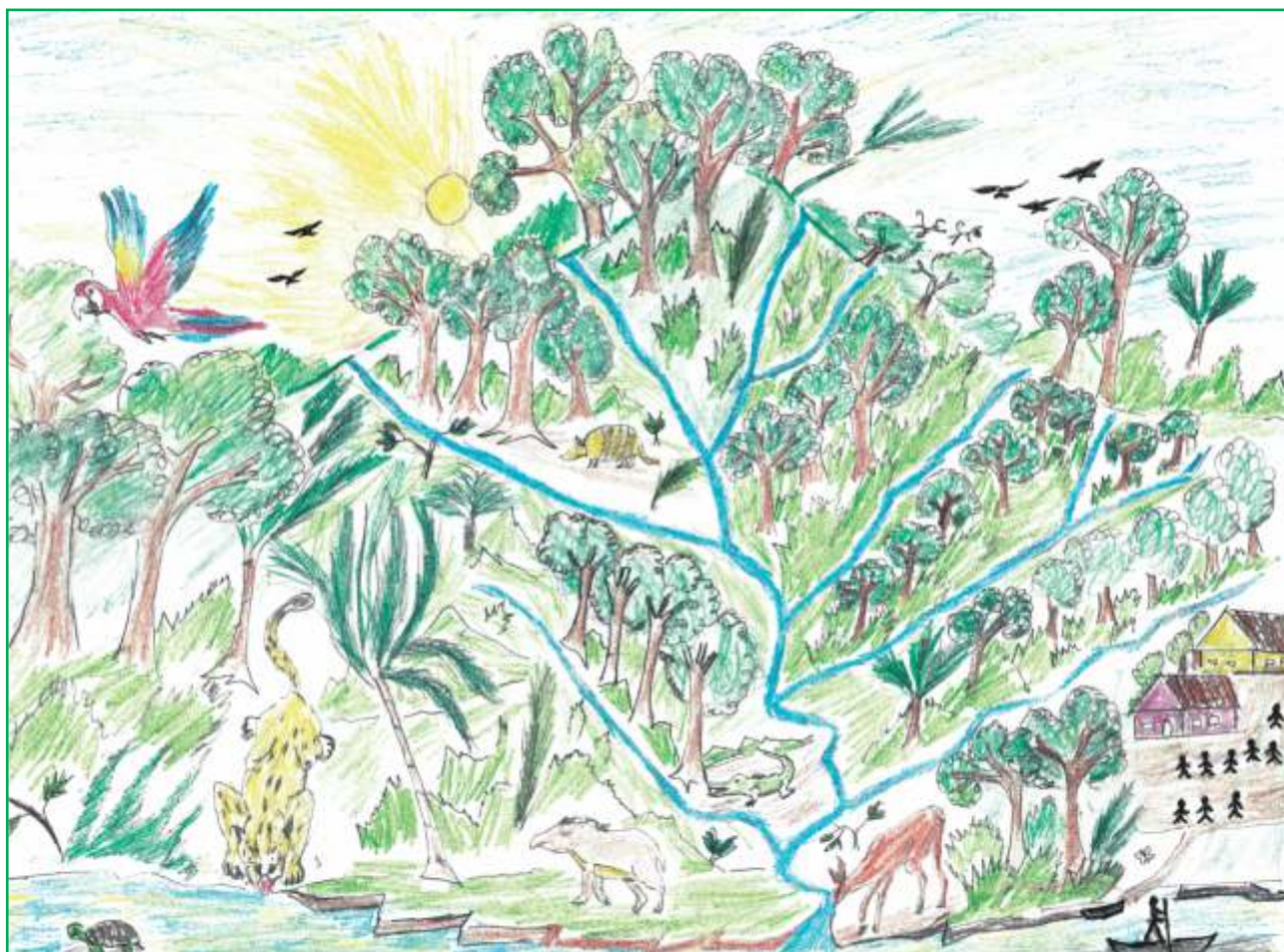


Ilustração: Valdecir Gavião.

Toda a água da chuva que cair dentro de uma bacia hidrográfica percorrerá um caminho preferencial dentro da própria bacia, escoando na superfície do terreno (escoamento superficial), infiltrando no solo (infiltração) e ocupando as fissuras das rochas, formando as reservas de água subterrânea (lençol freático). Nos períodos de seca essa água irá alimentar os fluxos de água subterrânea dos rios e também se revelar na superfície do terreno como uma mina, um olho d'água, fonte ou nascente. Uma informação importante: esta reserva de água subterrânea, também chamada de aquífero, pode levar centenas a milhares de anos para ser formada.

As águas das nascentes, ao chegarem até a superfície, formam os igarapés e rios, e se juntam com a água das chuvas, para ocupar todos os espaços da bacia hidrográfica: aqueles que conseguimos ver na superfície, mas também aqueles que não conseguimos enxergar (dentro do solo e no interior das rochas).



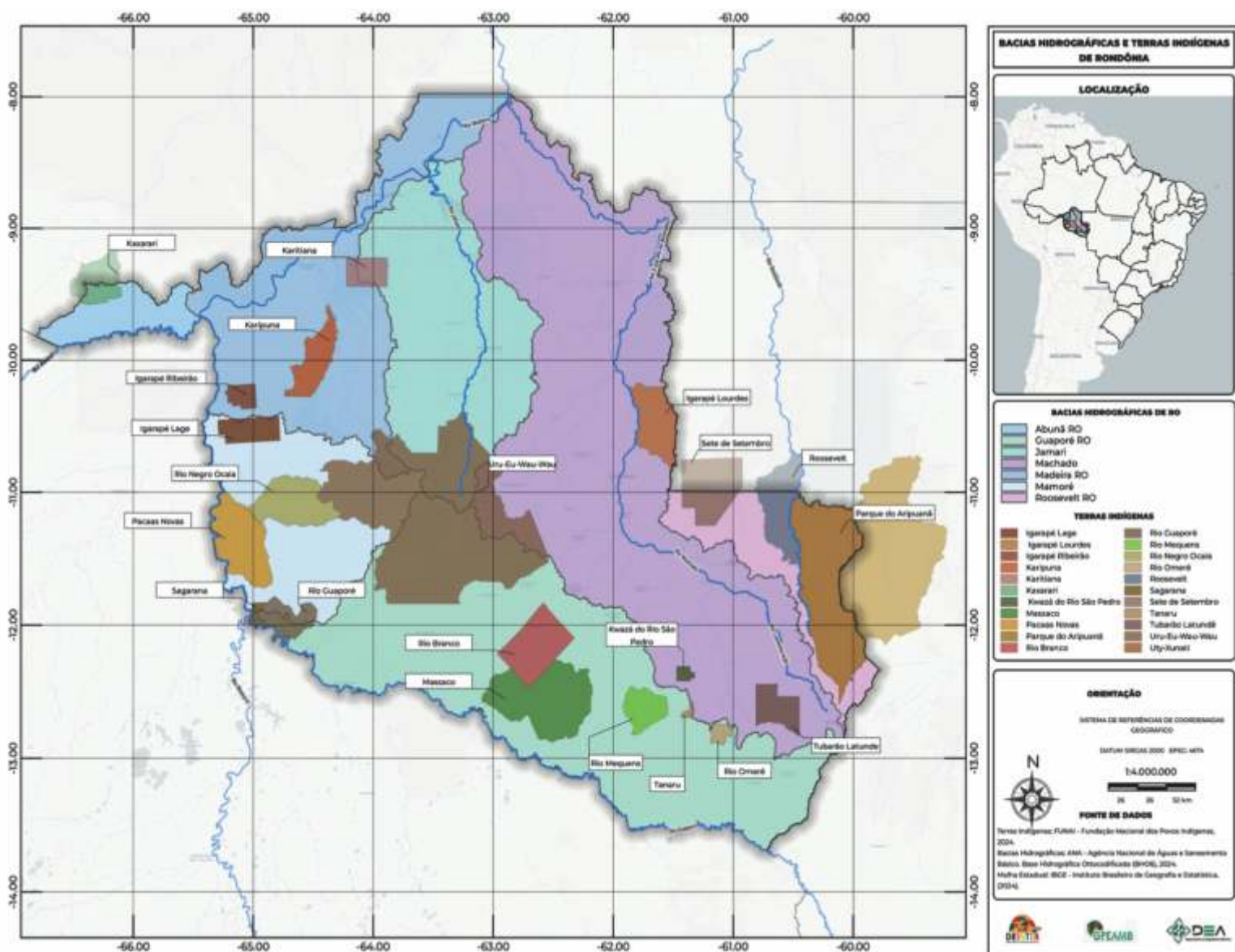
Bacias Hidrográficas do estado de Rondônia

No estado de Rondônia, existem sete bacias hidrográficas principais. São elas:

1. Bacia do Rio Abunã;
2. Bacia do Rio Guaporé;
3. Bacia do Rio Jamari;
4. Bacia do Rio Machado;
5. Bacia do Rio Madeira;
6. Bacia do Rio Mamoré;
7. Bacia do Rio Roosevelt.

No mapa abaixo, você pode identificar a Terra Indígena e a bacia hidrográfica em que ela está localizada. É possível observar que algumas Terras Indígenas encontram-se distribuídas em mais de uma bacia, o que evidencia a importância desses territórios para o ciclo das águas em Rondônia e em toda a Amazônia.

Bacias Hidrográficas e Terras Indígenas em Rondônia



Fonte: Organizadores (2025).



Você sabia que todos os rios que correm no estado de Rondônia deságuam no rio Madeira?

Isso mesmo! Ainda que eles tenham nomes diferentes e passem por várias cidades, no final todos vão levar suas águas para o rio Madeira, que é um dos rios mais importantes da bacia Amazônica. Isso acontece porque Rondônia faz parte da bacia hidrográfica do rio Madeira. Essa grande bacia é como um funil gigante que junta a água de vários outros rios menores. Eles vão se encontrando pelo caminho até chegar ao rio principal.

Assim, rios como o Guaporé, Mamoré, Cautário, Roosevelt, Jamari, Pacaás Novos e muitos outros são como braços que ajudam a alimentar o rio Madeira com suas águas. Juntos, eles formam uma grande rede de vida, cheia de peixes, plantas, animais e povos que dependem da água todos os dias. Toda a água acumulada por esses rios é transportada até o oceano, que é a foz do rio Amazonas.

Quando a chuva cai, a água chega ao solo e começa uma jornada cheia de transformações. Tudo o que existe na superfície – florestas, plantações, pastos ou cidades – interage com essa água e influencia o que vai acontecer a seguir.

Parte da água pode penetrar no solo (infiltração), alimentando as reservas subterrâneas. Outra parte pode escorrer pela superfície (escoamento superficial), seguindo para rios, igarapés e lagos.

E uma terceira parte pode voltar para o ar, em forma de vapor, através da evaporação e da transpiração das plantas. Então, é importante entender, que o modo como ocupamos e utilizamos os nossos territórios (as bacias hidrográficas), determina tanto a qualidade da água quanto a forma como ela se distribui no ambiente.

Por isso, proteger as nascentes, os rios e cuidar da saúde ambiental da bacia hidrográfica e das águas existentes dentro dela é também proteger a vida!

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

1) Considerando os elementos que formam uma bacia hidrográfica, desenhe em seu caderno a bacia hidrográfica do rio que passa pela sua comunidade.



Comitê de Bacia Hidrográfica

Os Comitês de Bacia Hidrográfica (CBH), são conhecidos como o parlamento das águas. São órgãos “colegiados”, sendo considerados espaços descentralizados, que reúnem os atores da comunidade de uma bacia hidrográfica, representados pelos diferentes segmentos: do poder público (federal, estadual e municipal), usuários de água, sociedade civil organizada, incluindo os representantes dos povos indígenas e comunidades tradicionais.

Os comitês possuem a função de debater e decidir sobre a gestão das águas de uma bacia hidrográfica específica, sendo considerados essenciais para garantir o cuidado com nossas águas na busca por uma gestão “eficiente”, que respeite as características da bacia e atenda os interesses de acesso à água para todos os moradores da bacia.

Você sabia que a Política Nacional de Gestão de Recursos Hídricos definiu a Bacia Hidrográfica como a unidade de planejamento e gestão das águas de forma descentralizada, integrada e participativa?



Fonte: Adaptado de Sérgio Lãmapy Suruí.



Para fazer parte de um CBH, os representantes da comunidade (atores de cada segmento da bacia hidrográfica), devem ser indicados por suas lideranças, validar seu nome em uma etapa de qualificação, para participar do processo eleitoral para integrar a plenária do comitê.

Os integrantes de um comitê devem propor ações para cuidar dos rios e usar as águas sempre mantendo um olhar sobre os interesses reais desses sistemas aquáticos tão essenciais, buscando garantir a qualidade, quantidade e a equidade no acesso à água. Uma gestão eficiente deve atender todas as demandas de água da sociedade, sempre que for necessário.

Atuar em um comitê de Bacia Hidrográfica é um exercício de cidadania, pois os governantes que possuem a responsabilidade de gestão compartilham responsabilidades com os atores da bacia, que, preocupados em garantir o melhor uso para a água, dedicam-se a discutir e debater as melhores soluções para garantir a saúde ambiental da bacia, tudo de maneira voluntária.

Pesquisa-Ação na Escola-Aldeia: Saberes em Movimento

Você já parou para pensar na diferença entre **água** e **recursos hídricos**? Pesquise na internet ou em livros o significado de cada um e registre em seu caderno, com suas próprias palavras, o que você entendeu. Procure relacionar a pesquisa feita com situações do seu dia a dia.



Os povos originários e os Comitês de Bacias Hidrográficas

A participação dos povos originários nos Comitês de Bacia Hidrográfica (CBH) é condição *sine qua non* – ou seja, essencial – para uma gestão verdadeiramente democrática, integrada, participativa e sustentável das águas na Amazônia Ocidental, sobretudo em Rondônia, onde as nascentes dos principais rios que abastecem a população estão situadas dentro de Terras Indígenas. Tanto a Lei nº 9.433/1997, que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), quanto a Lei Complementar nº 255/2002, que estabelece a Política Estadual de Recursos Hídricos de Rondônia, reconhecem a essencialidade da participação dos representantes dos povos indígenas nesses espaços consultivos e deliberativos de gestão, assegurando que suas vozes e conhecimentos tradicionais sejam considerados nas decisões sobre o uso e a conservação das águas.

Nesse sentido, a presente publicação desempenha um papel fundamental para os Comitês de Bacia Hidrográfica do estado de Rondônia, ao expor a visão cosmológica de cada povo sobre as águas. Dessa forma, servir-se-á como referência tanto para a participação desses povos quanto para a orientação das ações dos Comitês, garantindo que suas visões de mundo sejam respeitadas e incorporadas à gestão das águas em cada bacia hidrográfica onde sejam identificados Territórios Indígenas.

No âmbito nacional, da PNRH, a Lei nº 9.433/1997, em seu artigo 39, §3º, determina expressamente que, nos Comitês de Bacias Hidrográficas cujos territórios abranjam terras indígenas, devem participar representantes da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e das comunidades indígenas residentes ou com interesses nas bacias. Essa previsão legal demonstra o reconhecimento do papel estratégico que os povos indígenas e seus territórios desempenham na preservação dos ecossistemas e na manutenção da qualidade e quantidade do que poderíamos chamar de "territórios das águas". Sua presença assegura que as decisões sobre o manejo das águas considerem as especificidades culturais, territoriais e ambientais que caracterizam essas populações.

De forma complementar, a Lei Complementar nº 255/2002, que institui a política de recursos hídricos do Estado de Rondônia, assegura a representação no Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CRH/RO), por meio da Coordenação da União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas (CUNPIR). Apesar da política estadual não fazer menção diretamente à participação dos povos originários nos Comitês de Bacias Hidrográficas (CBH), a mesma prevê a composição plural dos CBH – incluindo representantes de consumidores, usuários, entidades científicas e administrações públicas. Por sua vez, mesmo indiretamente, a lei assegura a necessidade



de diálogo entre diferentes segmentos sociais, econômicos e culturais, para que o processo decisório seja verdadeiramente participativo e a gestão das águas seja eficiente.

A presença dos membros dos povos originários nos CBHs é fundamental por diversas razões. Em primeiro lugar, ela assegura o direito à participação social e ao autogoverno dos povos originários, princípios consagrados pela Constituição Federal e por tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, como a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em segundo lugar, os povos indígenas possuem conhecimentos tradicionais e práticas de manejo sustentável que contribuem significativamente para a proteção das nascentes, a conservação das matas ciliares e o equilíbrio dos ecossistemas aquáticos – aspectos indispensáveis à gestão integrada das bacias hidrográficas.

Além disso, como muitas terras indígenas abrigam importantes mananciais, nascentes e rios que abastecem diferentes comunidades e cidades (produção agropecuária, industrial e consumo humano), estando em alguns casos inseridas em múltiplas bacias hidrográficas, a participação indígena fortalece a governança ambiental, promovendo o uso equitativo e responsável da água. Essa integração de saberes científicos e tradicionais favorece a construção e implementação de políticas públicas mais justas e eficazes, capazes de equilibrar o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental e o respeito aos modos de vida dos povos indígenas.

Assim, a inserção das comunidades indígenas nos Comitês de Bacia Hidrográfica não é apenas uma exigência legal, mas também uma condição indispensável para a gestão participativa, eficiente e sustentável das águas, que reconhece a diversidade sociocultural do país e valoriza o papel histórico dos povos indígenas como guardiões da sociobiodiversidade, em especial na Amazônia.

Esperamos que vocês tenham ficado curiosos sobre essas políticas públicas de gestão das águas. Caso tenham interesse, colocamos abaixo uma lista de links onde poderão acessar diversas informações sobre a temática dos Comitês de Bacia Hidrográfica.

Lembrando que, se você deseja conhecer mais sobre o comitê que representa a região onde vive, poderá procurar mais informações no *site* da Agência Nacional das Águas: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/gestao-das-aguas/fortalecimento-dos-entes-do-singreh/comites-de-bacia-hidrografica/comites-estaduais/ro>.



Para saber mais

BRASIL. *Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997*. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19433.htm. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. *Plano Nacional de Recursos Hídricos (PNRH)*. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/seguranca-hidrica/plano-nacional-de-recursos-hidricos-1/o-pnrh>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. *Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH)*. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/seguranca-hidrica/cnrh/sistema-nacional-de-gerenciamento-de-recursos-hidricos>. Acesso em: 10 fev. 2026.

RONDÔNIA. *Lei Complementar nº 255, de 25 de janeiro de 2002*. Institui a Política Estadual de Recursos Hídricos do Estado de Rondônia. Disponível em: <https://www.sedam.ro.gov.br/post/sedam-legislacao>. Acesso em: 10 fev. 2026.

RONDÔNIA. *Decreto nº 29.028, de 8 de abril de 2024*. Institui o Plano Estadual de Recursos Hídricos de Rondônia (PERH/RO). Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ro/decreto-n-29028-2024-rondonia-institui-o-plano-estadual-de>. Acesso em: 10 fev. 2026.

RONDÔNIA. *Conselho Estadual de Recursos Hídricos (COREH)*. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental (SEDAM). Disponível em: <https://www.sedam.ro.gov.br/post/coreh-conselho-estadual-de-recursos-hidricos>. Acesso em: 10 fev. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). *Gestão das águas*. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/gestao-das-aguas>. Acesso em: 10 fev. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). *Comitês de Bacia Hidrográfica*. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/gestao-das-aguas/fortalecimento-dos-entes-do-singreh/comites-de-bacia-hidrografica>. Acesso em: 10 fev. 2026.

Das Terras Indígenas para o Mundo: Reflexões sobre as Águas

Se você é uma criança ou jovem não indígena e leu este livro convidamos você a refletir sobre algumas perguntas elaboradas pelos autores indígenas. Por meio delas, eles desejam compartilhar seus conhecimentos e estabelecer um diálogo com você sobre as águas, a natureza, os territórios e a importância dos povos indígenas na proteção da vida.

Agora é a sua vez de refletir sobre essas questões, relacionando os conhecimentos apresentados no livro com a sua realidade, suas experiências e o lugar onde você vive. Depois, compartilhe suas ideias com seus colegas.



1. A partir do livro, como você percebe a importância das Terras Indígenas para o estado de Rondônia?
2. Quais produtos da floresta você consome na cidade?
3. Antes da leitura do livro, você já sabia que os povos indígenas também são protetores das águas? Conte o que você aprendeu com a leitura do livro.
4. Com base no material, compare as histórias indígenas e as histórias não indígenas sobre as águas, os rios e os igarapés.
5. Qual a importância da natureza na sua vida?
6. Você conhece o nome dos rios que passam no município onde você vive? Cite ao menos três rios.
7. Reflita sobre o tema: como você faria para preservar as nascentes dos rios? Quais estratégias você criaria?
8. Qual é o seu papel na gestão das águas, rios e igarapés? Você já pensou sobre esse assunto?

Leituras realizadas para construir este material

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). *Video ilustrativo sobre bacia hidrográfica*. Disponível em: <https://youtube/uRzt9tv0EJU?t=128>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BEIRAS D'ÁGUA. *Cine Beiras d'Água*. Disponível em: <https://beirasdagua.org.br/cine2020/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRUNI, José Carlos. Water and life. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 53-65, 1993.

CAVALCANTI, Raissa. *Mitos da água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Aspectos socioculturais e políticas do uso da água*. São Paulo: NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2005.

DICTORO, Vinicius; HANAI, Frederico Yuri. Simbolismos da água: valores, saberes e tradições dos moradores de Pirapora-MG nas margens do rio São Francisco. *Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 487-503, abr./set. 2017.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O “olhar” a cidade pelos “olhos” das águas. *Geografia*, Rio Claro, v. 33, n. 2, maio/ago. 2008.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

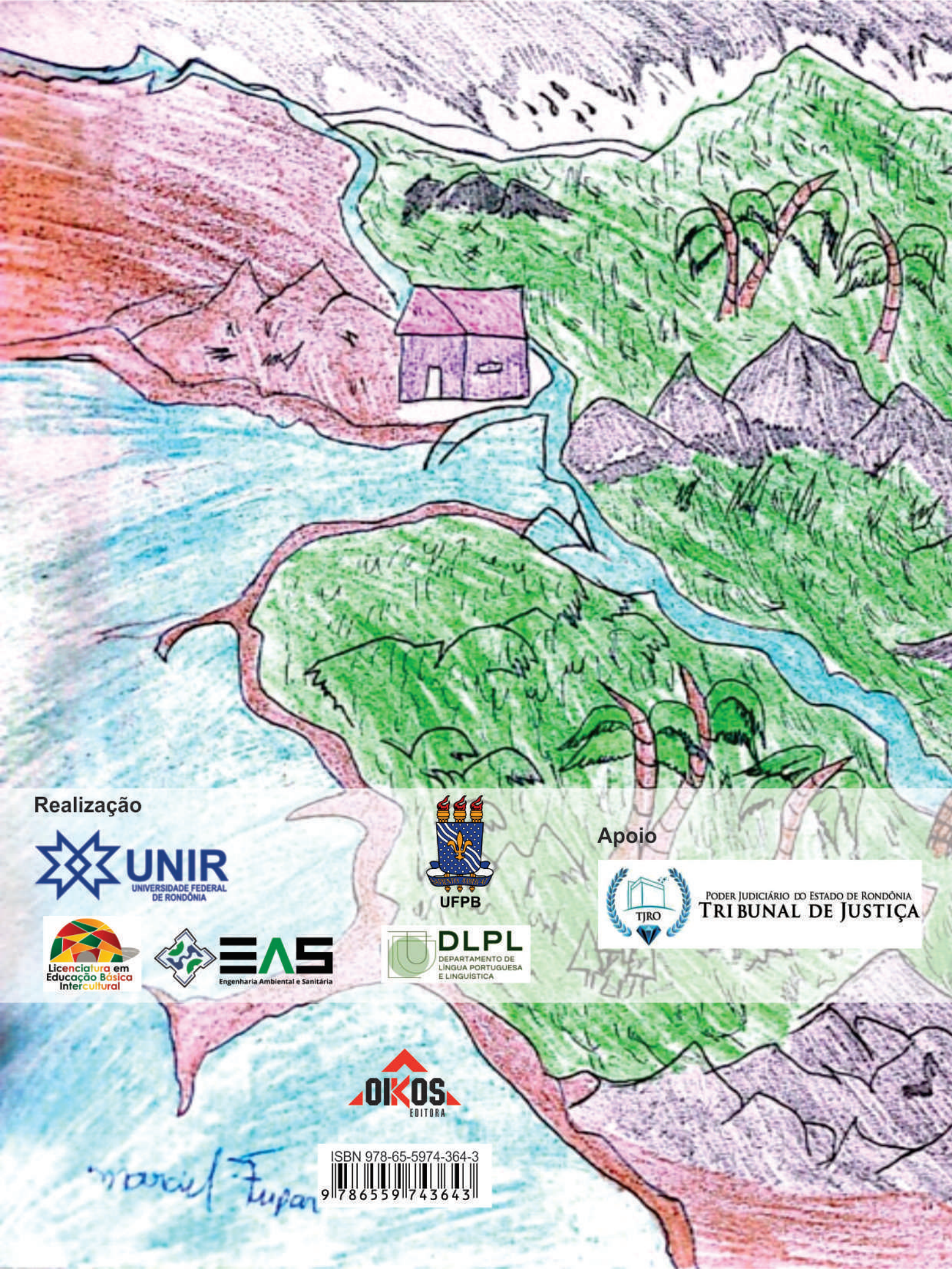


Espaço de Escuta para Professores e Professoras Indígenas

Este livro é fruto de uma grande construção coletiva, tecido com muitas vozes, histórias e caminhos. Gostaríamos de convidar você a participar dessa caminhada respondendo ao formulário abaixo, disponível via QR Code. Sua opinião e suas sugestões são muito importantes para nós. O que você compartilha nos ajuda a escutar melhor, a aprimorar o material e a fortalecer os próximos livros que ainda vamos construir juntos.



Com gratidão,
Equipe Organizadora



Realização



Apoio



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE RONDÔNIA
TRIBUNAL DE JUSTIÇA



DLPL
DEPARTAMENTO DE
LÍNGUA PORTUGUESA
E LINGUÍSTICA



ISBN 978-65-5974-364-3



marcel Fupar